

(Clube da Esquina)

OS SONHOS NÃO

Envelhecem;

HISTÓRIAS DO CLUBE DA ESQUINA

MARCIO BORGES

PREFÁCIO

CAETANO VELOSO

Nos anos setenta, um grupo de mineiros se afirmou no cenário da música popular brasileira com profundas consequências para sua história, tanto no âmbito doméstico quanto no internacional. Eles traziam o que só Minas pode trazer: os frutos de um paciente amadurecimento de impulsos culturais do povo brasileiro, o esboço (ainda que muito bem-acabado) de uma síntese possível. Minas pode desconfiar das experiências arriscadas e, sobretudo, dos anúncios arrogantes de duvidosas descobertas. Mas está se preparando para aprofundar as questões que foram sugeridas pelas descobertas anteriores cuja validade foi confirmada pelo tempo. Em Minas o caldo engrossa, o tempero entranha, o sentimento se verticaliza.

Márcio Borges é a pessoa indicada para escrever sobre a experiência daqueles garotos mineiros nos anos setenta não apenas por ser ele próprio um dos letristas mais atuantes e representativos do grupo, mas por ter sido ele a induzir Milton Nascimento a compor. E Milton Nascimento foi – é – o polo, o elemento catalizador, o próprio lugar de inspiração do movimento. Quando Milton surgiu num festival da TV Excelsior de São Paulo cantando uma composição de Baden Powell, Gil me chamou a atenção para a originalidade do seu talento. Essa observação Gil viria a confirmar quando ouviu as primeiras composições de Milton. Eu, no entanto, se fiquei impressionado com a presença pessoal do colega recém-chegado (sua beleza nobilíssima de máscara africana, sua atmosfera a um tempo celestial e triste, sua aura mística e sexual) não fui capaz de detectar a grandeza musical

de seu trabalho, num primeiro momento. Vi-lhe a seriedade de intenções e sinceridade de tom desde sempre, mas eu sou baiano (amante das aparências) e estava engajado num programa de regeneração da música brasileira através da carnavalização do deboche e do escândalo – através da paródia e da autoparódia – e não via ali muito além de um desenvolvimento daquilo que Edu Lobo já vinha fazendo de interessante, ou seja, um desdobramento da bossa-nova que abrangia estilizações das formas nordestinas. Claro que, em breve, veria que muito do que nós baianos tínhamos sublinhado – a saber: rock, pop, sobretudo Beatles, além da América espanhola – também estava incorporado ao repertório de interesses de Milton. Mas todo esse conjunto de informações desempenhava funções distintas em seu trabalho e no nosso. Sem apresentar ruptura com as conquistas da bossa-nova, exibindo especialmente uma continuidade em relação ao samba-jazz carioca, Milton sugeriu uma fusão que – partindo de premissas muito outras e de uma perspectiva brasileira – confluía com a “fusion” inaugurada por Miles Davis. Essa fusão brasileira desconcertou e apaixonou os próprios seguidores da “fusion” americana. Quando Milton estava com o show num teatro à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, em 1972, eu vim da Bahia – para onde tinha voltado depois do exílio – e fiquei tão impressionado com o que vi e ouvi ali quanto os músicos do Weather Report que visitaram o Rio pouco antes ou pouco depois. Talvez por razões – e com conseqüências – diferentes, mas no mínimo com a mesma intensidade. A profundidade que eu percebi ali só fez se intensificar para mim desde então. Orgulho-me de não ter me entregue a um repúdio puro e simples do que era diferente de mim. E de, por isso, poder hoje ter um diálogo enriquecedor com essa diferença. O que me levou a isso foi minha reverência pela música: Milton sempre foi obviamente para mim um músico muito maior do que eu.

Para contar sobre o lado de dentro dessa história de mineiros, sobre a vida vista do ângulo daquela esquina que nomeou o grupo famoso, Márcio Borges, sensível, poeta, cheio de inteligência e amor, mostrou-se generoso o bastante para decidir-se a escrever para nós este livro.

NOTA DO AUTOR

Eu, Márcio Borges, escrevo este livro, isolado no alto das montanhas, neste ponto da Mantiqueira que amo e escolhi para morar com minha família. Escrevo, portanto, muito distante dos ambientes que ele freqüenta e descreve.

Não o faço para obter qualquer tipo de reconhecimento. Escrevo para cumprir um impulso, esvaziar meus escaninhos e recontar para mim mesmo, com os olhos do tempo e da distância, uma história que de qualquer forma já está contada nas músicas que compus. É a aventura de minha vida, ou seja, meu encontro casual com outro jovem, de nome simples e anônimo como ele próprio, chamado Milton do Nascimento, certo dia longínquo de 1963, e as conseqüências enormes desse encontro, não só para nossas vidas individuais, mas também para uma porção de outras pessoas.

Narro aqui apenas o período mais intenso dessa parceria que vai de 1963 até aproximadamente 1980. Não pretendo fazer obra de *scholar* e não ofereço rigor com relação a dados e datas. Tampouco tenho a pretensão de erguer um monumento memorial – trata-se antes de uma sucessão de inexatidões, um experimento de ficção. Por outro lado, procurei ser o mais fiel possível às minhas próprias lembranças, que foram minha fonte de pesquisa mais recorrente e fundamental, para não dizer a única. Reli algumas cartas e jornais velhos que trazia guardados numa mala idem, conversei com um e outro amigo daqueles tempos – e foi só, em termos de pesquisa.

Como já disse, é um relato incompleto, alguma vez até equivocado quanto à ordem de sucessão dos eventos narrados, mas deixei como



Jeanne Moreau, Oskar Werner e Henri Serre em cenas do filme "Jules et Jim", que mudou a vida de Milton Nascimento

2

JULES E-JIM

O centro da cidade estava vazio, como sempre ficava aos domingos. Fazia uma fresca manhã de sol, com um céu azul sem nuvens, cuja luminosidade dava às coisas uma nitidez indubitável. A turma do CEC tinha comparecido em peso à pré-estréia do último lançamento de Truffaut, *Jules et Jim*, ainda sem título em português. O Cine Metrôpole era a casa de espetáculos mais luxuosa da cidade. *Art Deco*, grandes espelhos, veludos pesados. À sua porta conversávamos, divididos em pequenos grupos, os irmãos Tiago e Geraldo Veloso, os dois Ronaldos, o Brandão e o Noronha, Schubert Magalhães, Paulo Leite, Carlos Alberto Prates, Carlos Figueiredo, José Haroldo, Guaracy Rodrigues, os irmãos Gomes Leite, Maurício, Ricardo e Rubens, os irmãos Lara, Sérgio e Mário, Lucas Raposo, Edmar Pereira, Dickson Amaral, eu e Sérvulo Siqueira. Todos havíamos chegado cedo. O assunto era cinema, naturalmente: *Cabiers du Cinéma*, o reacionarismo de Jean Douchet, o último artigo do Tobiana, as aparições relâmpago de Hitchcock, o tema musical de *High Noon*, o significado de Rosebud queimando em Xanadu, os claros-escuros de James Wong Howe, a noite-americana, a possível genialidade de Jean Vigo, coisas assim.

- “O cinema é a verdade 24 quadros por segundo” – citou alguém.
 - “O plano-seqüência é uma questão de moral” – citou outro.
 - “O close-up é uma questão de amor” – recitou outro mais.
 - Godard: “*Il faut tout mettre dans un film*”. Muito boa essa.
 - “Um cineasta precisa ter punhos fortes” – arriscou algum outro.
- E assim fomos passando o tempo, enquanto dez horas não chegava. Dickson se aproximou de mim. Parecia ainda mais velho sob a

crueza dura daquela luz tão clara. Tinha numa das mãos, como sempre, aliás, um maço de Continental e uma caixa de fósforos.

– Tudo bem, Godard? Rapaz, eu estou despaginado. Ontem derrotei um litro de uísque sozinho. E olhe que eu detesto uísque...

Ri.

– É. Está na cara. Ainda mais com essa luz toda.

– Essa luz toda encantou Orson Welles. Você sabia que ele tomou um porre, subiu numa árvore da avenida Afonso Pena e mijou lá de cima, em plena Avenida, cinco horas da tarde?

– *A las cinco en punto de la tarde...*

– Desculpe aquele dia no Bucheco. Quando olhei pro lado, cadê você? Já tinha ido. A Marisa quando aparece é assim mesmo.

Lembrei-me da cena do beijo.

– Ela vem?

– Sei lá, ela é doida.

– Se é!

– Ficou completamente de porre aquela noite. Queria de todo jeito. Sou amigo do pai dela, pô. Aliás, ela tem a quem puxar na biritá.

Sérvulo apareceu bem a tempo de me salvar, quando já ia me enrolando num mal-estar misturado com indesejável ciúme.

– Vamos entrar, já está na hora.

– E você, não vem? – perguntei a Dickson.

– Encontro vocês lá dentro. Vou esperar a Marisa mais um pouco.

Entre com Sérvulo e achamos um lugar no balcão. O imenso lustre em forma de pêra apagou suas centenas de pequenas lâmpadas. O som de carrilhões celestiais logo anunciou que a sessão já ia começar. Grossas cortinas vermelhas se abriram, revelando a enorme tela branca e sua claridade magnetizante.

Seguiram-se duas horas de intensa emoção. O filme era simplesmente lindo, inesperada e poeticamente dilacerante. Estava emocionado de verdade. Queria criar também, desejava naquele momento fazer muitos filmes tão lindos quanto esse. Às vezes, vinham-me lágrimas aos olhos. Ao fim da sessão, abalado, não sei por que pensava tão fixamente em meu novo amigo Bituca: “Bituca tem que ver isso”. Tanto que nem prestei atenção às duas viaturas negras, tripuladas por policiais armados, que vigiavam bem de perto aquela movimentação à saída do cinema.

Aí lembrei-me de outra coisa: Marisa não havia aparecido.

Bituca se tornou contrabaixista por uma questão de sobrevivência. Wagner tinha sido taxativo:

– Tem de ser! Ou então não consegue o emprego. Vamos ser eu, você e o Paulinho Braga: Berimbau Trio. Você é o contrabaixista. De “canário” eles estão cheios.

E lá se foi Bituca, que nunca tocara baixo na vida, ser o dito cujo do Berimbau Trio e ganhar uns trocados na boate Berimbau. Inaugurada exatamente na noite do golpe: 31 de março de 64, por Antonio Moraes, o Bolão, a casa era especializada em jazz e ficava na sobreloja do Edifício Archângelo Maletta. O Maletta era o reduto dos notívagos e boêmios de Beagá. Ali funcionavam, espalhados pelos corredores do térreo e da sobreloja, dezenas de bares, restaurantes e inferninhos. Durante o dia apresentava um movimento comercial recatado, digno de suas livrarias e escritórios de representações, lojas de armarinho. Um de seus blocos era residencial, com entrada à parte. À noite, porém, as galerias do edifício eram invadidas por hordas e clãs de artistas, músicos, jornalistas, prostitutas e bêbados de variados escalões que ocupavam todas as mesas disponíveis no local. Quem pisava no Maletta depois das seis tinha uma reputação a zelar. Ou a perder, mais frequentemente.

Onze horas da noite. Estávamos tomando um ar, era intervalo do *set*. Pensando bem, aquela era a primeira vez que ficávamos a sós. Bituca tinha saído sozinho e eu tinha vindo atrás.

– Você está diferente hoje – notei.

– Estou mesmo. Estou sentindo um frio na barriga.

– Está passando mal.

– Não é isso. Estou esquisito.

– Está triste.

– Nem alegre nem triste. Esquisito.

– Você tem é que compor. Parar de cantar coisa dos outros. A coisa mais rara do mundo é originalidade. E isso você tem de sobra. Você é um compositor. Vai fazer as músicas dos meus filmes.

– Compor é uma coisa muito séria, bicho.

– Mas nós somos jovens e temos obrigação de transformar essa cidade.

Aliás, a juventude tinha obrigação de transformar, não só a cidade, o planeta inteiro; a esperança de um novo tempo não era coisa para ser só cantada em prosa e verso, mas para ser construída com o risco da própria vida; eu falava sem parar primeiro porque estava ligeiramente bêbado de Pernod e segundo porque tinha cada vez mais certeza das coisas que ia falando. Por exemplo, mesmo ali na minha frente, Bituca. Os arranjos que criava para músicas alheias eram algo inédito, profundamente original e estranho, não se pareciam com nada que alguém pudesse ter ouvido antes. Tinha de tudo ali, Yma Sumac, carro de boi, vento no cafezal, Miles Davis, Tamba Trio, Nelson Gonçalves, hino católico, trilha de faroeste, e ao mesmo tempo não tinha nada, só Bituca e sua voz retinida de taquara não-rachada, animal extraterreno enjaulado a força, e no entanto capaz de doçura de manga, de fruto suculento. Original.

Bituca nem ouvia mais:

– Cuidado com a veinha.

– Héin?

– Vai estourar essa veia de tanto falar.

Só para me irritar.

– Você prestou atenção no que eu disse?

– Você está é de fogo.

– Mas falo a verdade. Se você quiser, você compõe. Olha aqui, bicho. O que é que é isso aqui: “Pápa paiá...” – cantarolei um pequeno trecho do arranjo vocal que tanto me fascinara certo dia. – O que isso tem a ver com “o morro não tem vez...” – e aí cantei o trecho do samba.

– Nada – respondeu Bituca, começando a sorrir. – Não tem nada a ver.

– Seus arranjos são mais bonitos do que as músicas que você escolhe para arranjar. Encare a realidade, bicho. Você não é um datilógrafo.

– Escriturário – Bituca corrigiu. – Escriturário. E sou um datilógrafo danado de colosso.

– Que seja, pô. Você não é um burocrata que vai passar a vida atrás de uma máquina de escrever nesta cidade horrorosa, é? As pessoas se

mobilizando para criar um mundo novo, derrubar as tiranias e você lá obedecendo às ordens do Capitão César...

Antônio Moraes, o Bolão, o dono da boate Berimbau, apareceu na porta, olhou para Bituca com cara de patrão e apontou o relógio de pulso. Depois voltou para dentro. A Berimbau, a bem da verdade, era vanguarda. Só jazz. Era decorada com fotos de Jorge Ben, Modern Jazz Quartet e Coltrane, enormes nas paredes (a foto de Jorge Ben como concessão ao gênio brasileiro).

– Prefiro mil vezes o Capitão César – Bituca ironizou.

– Antes que você volte, deixa eu falar uma coisa: amanhã estréia *Jules et Jim* no Tupi. A projeção não é boa como a do Metrôpole, mas o filme é genial.

– Sabe de uma coisa? – disse Bituca. – Eu não ia com sua cara desde o dia em que te conheci. Aliás, até hoje o povo do Levy não gosta de você.

Soltei um sonoro palavrão. Bituca deu uma risada:

– Não precisa ir virando Das Baixínhans Invocádans.

Voltamos para dentro da boate Berimbau. O som de *Halimah*, com John Coltrane solando, foi cortado das caixas. Naquela noite o Berimbau Trio atuava com Wagner Tiso ao piano e um certo Violão na bateria. Ambos já estavam sobre o pequeno tablado-palco, atrás dos respectivos instrumentos. Bituca assumiu o baixo acústico e a *jam* começou: jazz e *standards* americanos. Em alguns números, ele também cantava. *My Funny Valentine*, por exemplo. Aquele Berimbau Trio era muito bom.

Sentado a um canto escuro, bebendo Pernod 45, eu viajava pela sonoridade original do meu jovem amigo preto, tímido, magricela, de olhos arregalados, calça pega-frango e mãos enormes, de fala balbuciente toda vez que o assunto se tornava sério, meu amigo esquisito, caladão para quase todos e histrião para alguns poucos, meu amigo cantor, músico e poeta genial, eu sabia disso, genial. Difícil seria convencer o próprio.

Ao final do último *set*, Wagner Tiso comentou comigo:

– Tinha esquecido de outro nome do Bituca – Wilton.

Novas risadas.

– Wilton?

– Em Três Pontas, tinha o conjunto W's Boys, que fazia bailes por ali tudo. Era: Wagner, Waltinho, Wilson, Wanderley e Bituca.

Rimos mais um bocado.

– Bituca teve que virar o M de cabeça pra baixo, senão, não tocava.

Mais risos. Depois, Wagner e Violão foram comer um tropeiro no Adão. Bituca e eu voltamos para o Levy, caminhando em silêncio. Era madrugada. Estávamos cansados, mas alegres e satisfeitos. A gente pressentia que estava nascendo ali muito mais do que uma grande amizade qualquer. Um pacto de vida, uma promessa de futuro, um amor fraterno, um valor humano. Fosse o que fosse, naquele momento as palavras eram de todo desnecessárias.

Som de violão sendo não propriamente tocado. “Arranhado” também não descreveria aquilo. Tentavam harmonias com acordes lógicos. Entrei no “quarto dos homens”. Era Lô, irmão número seis, dez anos, que brincava com o instrumento.

– Vamos largando – determinei. Mas não fui obedecido.

– Bituca deixou – retrucou Lô, criança birrenta, eu sabia muito bem. Não convinha provocá-lo.

– Cadê o Bituca?

– Mamãe mandou ele embora.

– Mandou ele embora como? Assim sem mais nem menos, mandou ele embora?

– Ele almoçou aqui. Depois mamãe mandou ele embora.

– Cadê mamãe?

– Já saiu pra escolinha. Bituca falou pra você passar no escritório dele.

– E ele deixou você brincar com o violão dele?

– Não estou brincando. Estou tocando.

– É, eu ouvi. Quem está em casa?

– Só eu, Yé, Nico, Telo e a empregada. Marilton não apareceu pra almoçar e as meninas saíram pra aula.

“Só eu, Yé, Nico, Telo e a empregada”, repeti mentalmente a frase de Lô e a considereei. Só! Uma pequena multidão, mas afinal éramos

onze os filhos de Salomão e Maricota, afora os amigos de cada um dos onze, e mais parentes, primos e agregados, que apareciam aos montes e agora também Bituca, que estava se habituando a permanecer mais tempo nos Borges do que na pensão do 4º andar. De modo que, para um movimento de apenas cinco pessoas, seis, contando comigo próprio, a expressão “só” até que condizia momentaneamente. Em casos de lotação plena do apartamento do 17º, Lô poderia ter dito: “Estamos eu, Marilton, Sandra, Sônia, Shêila, Yé, Solange, Suely, Telo e Nico. E Bituca. E mamãe. E papai. E a empregada. Todos de uma vez”.

O aspecto “agregados” estava se tornando um problema para os Borges. Quase toda noite Marilton trazia algum amigo notívago para pernoitar no “quarto dos homens”. Bituca encabeçava a lista e já se tornara praticamente membro efetivo do nosso clã. Mas havia ainda o pianista Hêlvius Vilela, que falava muito alto, chegava bêbado com Marilton e acordava a casa inteira. Outras vezes era o discreto Celinho Piston, outras ainda Rubinho, o baterista; dependia de quem tivesse ou tocado ou bebido com Marilton na ocasião. Certa vez o ainda menino Nelson Ned foi encontrado dormindo atravessado aos pés do beliche onde também dormia Marilton. Exatamente por ser menino e, além disso, primo da professorinha Eliane, namorada do meu irmão mais velho, Nelsinho não só cabia atravessado na cama como moralmente podia exercer essa prerrogativa. Isso, porém, não evitou, na manhã seguinte, primeiro o susto e depois uma tirada de humor de dona Maricota:

– Salim, corre vem ver. Marilton teve neném!

Nelsinho Ned também se sentia à vontade lá em casa. Além disso, todos nós admirávamos de verdade os prodigiosos talentos vocais daquele menino e sua tenacidade. Além disso, os Pinto Tereza eram amigos de nossos pais.

Assim era a casa dos Borges. Cheia. Como já foi dito, o frequentador mais assíduo e renitente era Bituca. Achava um absurdo ser posto para fora, quando chegava a hora de mamãe sair para dar suas aulas, conforme ela exigia, recusando-se terminantemente a deixar a casa entregue àquele bando de moleques. Por isso, Bituca às vezes chegava mesmo a se esconder dentro do armário embutido, ou debaixo de um dos beliches, só para não ser posto para fora.

– Que filho nº 12 é esse que não pode nem ficar em casa – protestava quando descoberto. Ou então Maricota fingia não ver, pois também amava Bituca. Em minha casa, o tímido rapaz trespontano se transformava em exímio imitador de cantores e cantoras famosos, vivava humorista, contador de casos hilariantes, prodigalizava seus talentos, encantando a família inteira.

– Bituca, você é um palhaço – assim costumava dizer dona Maricota, com os olhos marejados de lágrimas de riso, depois de qualquer coisa engraçada que Bituca tivesse dito ou feito.

Voltando à história:

– Então tome muito cuidado com esse violão. – eu disse para Lô e saí do quarto. Meu irmãozinho voltou a brincar com o instrumento, simulando harmonias precoces.

No “quarto das meninas” estavam Yé, nove anos, Telo, quatro, e Nico, três. Brincavam de cinema, filme de aventura, evidentemente. Yé, dependurado no plano superior de um beliche, estava mascarado com um lenço de papai Salim e dava tiros com o indicador armado. Telo e Nico, de outro beliche, no canto oposto do quarto, replicavam de igual maneira e o bang-bang espoucava solto. Tudo em paz. Fechei a porta atrás de mim e voltei para a rua. Só então a empregada, um pouco sonsa, notou que alguém chegara (e já saíra). Deu de ombros e voltou às painéis.

No 22º andar de um edifício na praça 7 funcionava o escritório das Centrais Elétricas de Furnas. Era ali que Bituca trabalhava como escriturário (eu dizia “datilógrafo” e Bituca torcia o nariz, corrigindo: “Escriturário!”).

Quando entrei, meu amigo datilograva numa pesada Remington Rand verde-oliva, numa mesinha próxima à entrada. Mais ao fundo, outros dois homens trabalhavam. Um deles apenas lia relatórios e consultava papeladas. O lugar era bastante modesto: algumas mesas de escritório e arquivos de aço. Nas paredes, fotos e croquis da hidrelétrica.

Bituca levantou a cabeça e olhou diretamente para mim. Porém seus dedos não pararam de datilografar.

– Das Baixínhans! – exclamou. Deu uma olhadela para o papel, sem parar de datilografar.

– Você emprestou seu violão ao Lô? – fui logo perguntando. – Que história é essa que mamãe te mandou embora lá de casa?

Deu uma gargalhada e continuou datilografando. Impressionante.

– Hah! dona Maricota! A Maricota é dose.

(Pausas, espaços, vírgulas, tabulações, parágrafos, tudo com toques precisos!)

Não agüentei e perguntei:

– Está tudo escrito certinho aí? Não acredito!

– O quê? – Só então Bituca parou de datilografar.

– Está tudo escrito certo aí? Datilografou certo?

Bituca puxou a folha e inspecionou:

– ... excelentíssimo senhor, blablabla... *data vênia*, atenciosamente... Está certo sim senhor. Por quê?

– Porque é impressionante. Você é louco, devia estar num circo...

– O quê que houve com o violão?

– Por enquanto nada. Vem cá: onde você aprendeu a bater máquina assim?

– Não enche o saco. Você já viu teu irmão tocar?

– Você acha que ele leva jeito?

– Leva jeito? Tá brincando. Ele já é. A gente só tem que cuidar.

– E você? Vai ficar aqui enfurnado? – provoquei.

– O que você tem contra o Capitão César, bicho?

– Nada. Mas “*il faut vivre dangereusement jusqu’ au bout*” – recitei.

Era uma frase que estava se tornando célebre no CEC. Fazia referência ao cartaz de um velho filme de Robert Aldrich em que Jeff Chandler representava um desmontador de bombas, cartaz este que aparecia de relance numa cena de *Acossado*, filme em que Jean-Paul Belmondo fumava, bebia, recitava, assaltava, fazia amor com Jean Seberg e perambulava pelas ruas de Paris até ser assassinado numa viela transversal de (talvez) Barbès-Rochechouard. Michel Poicard era o nome do personagem, aliás, Lázlo Kovacs, tudo muito europeu, mas eu adorava Godard e aquela frase de efeito. Evidentemente Bituca nada sabia a respeito daquelas coisas; seus talentos eram mais primevos e misteriosos, dispensando tais florilégios como frescuras de intelectualóides.

– Lá vem você com esse teu francês de araque – esculachou de vez.
– É preciso viver perigosamente até o fim, rapaz – traduzi. – Isso quer dizer: levante a bunda dessa cadeira e vá à luta, bicho. Senão Milton do Nascimento nunca vai realizar o artista que é. Nunca vai ser-no-mundo. – (Esse termo eu tinha pegado emprestado à estudante de filosofia Lúcia Helena, minha amiga.)

– Wilson Bittencourt! – zombou Bituca, sem prestar atenção àquele ser-no-mundo.

– Isto é, Milton do Nascimento nunca vai ser famoso mesmo. Refiro-me a Wilson Bittencourt, essa vossa excelentíssima figura – concordei.

Capitão César se aproximou. Tinha uns quarenta anos e era o chefe, o que lia papéis.

– Como vai? – me cumprimentou (já nos conhecíamos, pois eu era freqüentador habitual do escritório).– Ficou impressionado com a datilografia aí do Bituca? Eu já disse a esse filho da mãe, “Milton”...

– Bituca! – Bituca interrompeu. – Sem essa de Milton.

– Vituperatus Manículas Prospectus – lembrei.

– Ludwig von Betúcius, Scariotis D’Armeda etcétera e tal – completou Bituca. – Posso trabalhar? – acentuou a frase esquisitamente.

– Que negócio é esse? – Capitão César não entendeu nada daqueles nomes.

– São os apelidos trespontanos de Bituca. Você sabia?

Barroso se aproximou também. Era o outro funcionário.

– O importante não é o que Bituca datilografa, mas o que ele anda escrevendo à mão. – Barroso olhou para mim: – Você já leu o que esse cara anda escrevendo?

Eu não havia lido nada e lembrei-me daquela conversa interrompida por Joãozinho. Ao mesmo tempo senti ciúmes de Barroso já saber.

– Eu já disse pro Bituca que o lugar dele não é aqui – disse Capitão César.

– Vocês três querem parar de encher o saco e me deixar trabalhar?

– Bituca falou com falso mau-humor. Recomeçou a datilografar outro texto burocrático, dessa vez com olhar fixo num papel escrito que servia de modelo ao lado da máquina. Capitão César disse:

– Você vai ser grande.

– Eu já disse isso pra ele – recordei.

Bituca interrompeu a datilografia:

– Vocês querem fazer o favor de me deixar trabalhar? – acentuou dubiamente cada palavra. – Que chefe é esse, nossa!

– Tá bom, trabalha aí, seu boboca. Aliás, preciso desse relatório aí pronto ainda hoje, em cima de minha mesa. – Capitão César retornou a seu posto.

Barroso permaneceu onde estava:

– É sério mesmo. Bituca escreveu uns negócios bonitos de arrepiar.

– E como é que você sabe? – perguntei.

– Barroso, você não tem o que fazer não? – interrompeu Bituca. E me explicou ele próprio. – Saí com essa coisa aí ontem e mostrei pra ele uns troços. Agora vocês podem me deixar trabalhar em paz?

Barroso retornou à sua mesa. Sentei-me numa velha poltrona de couro e esperei pacientemente até Bituca acabar todo o seu trabalho, sem sair de perto dele. Meu amigo emanava uma lembrança boa, um cheiro bom, evocava o calor de olivais num filme de Buñuel, ou as casinhas caiadas de Taormina, assim como eu as vira outro dia em *Plein Soleil*, de René Clément.

Finalmente o expediente chegou ao fim. Bituca fechou a Remington com uma capa de plástico, virou-se para mim e ordenou mais do que propôs:

– Vamos ao Bigodoaldo’ s. Sem o Barroso.

Aceitei. Era um bar na varanda de um prédio no outro lado da praça 7, que Bituca e Barroso freqüentavam. Pedimos duas batidas de limão. Sem dizer palavra, Bituca tirou do bolso duas folhas de caderno dobradas em quatro e me entregou. As duas folhas continham dois textos manuscritos na letra redonda, pequena e caprichosa de Bituca. O primeiro chamava-se “E a gente sonhando”. Era uma espécie de poema. Reconheci nos versos a mesma centelha de originalidade que caracterizava a música, as tiradas de humor e as facetas da personalidade do meu amigo trespontano.

“Vinte e um anos!”, pensei. “Ele tem vinte e um anos profundos como mil. Atrás desse jacu tem coisa...”

– Fiz para você – disse Bituca. – “E a gente sonhando.”

– Héin?

– Fiz para você essa.

Reli as duas folhas em silêncio. Senti vontade de chorar. Dei um abraço demorado em Bituca. Ficamos assim um tempo, indiferentes ao resto do mundo. Aí propus, saindo do abraço:

– Vamos tomar mais uma.

“Fez para mim”, pensava. O outro texto também era uma espécie de poema e chamava-se “Canção do Sal”. Bem que podia ser a letra de uma *work song*.

– Isto é uma *work song* – comentei então.

– Uma o quê? – Bituca arregalou os olhos daquela sua maneira.

– Uma *work song*, canção do trabalho.

– Eu sei o que quer dizer *work song*, Herr Das Baixínhans – Bituca acentuou a palavra “eu” de um jeito realmente incisivo. – Só não entendi essa sua pronúncia de meia-tigela. – E pronunciou caprichando exageradamente: wooorrrK Song!

– Por que você não mete uma música nisso, Bituca?

– Lá vem você.

– Só falta música pra ser uma *work song* igual às da Odetta.

– Que mané Odetta. Nina Simone.

– Mama Cass.

– Sassie.

Silêncios. Batidas de limão. Quando vimos, já estávamos bêbados de tanta batida de limão. Levantamos, pagamos e saímos, trôpegos por mérito. Éramos jovens, sadios, felizes e nos sentíamos abençoados por aquela amizade que, de tão intensa, adquiria para nós um caráter sobrenatural e premonitório.

Quanto à “Canção do Sal”, no dia seguinte Bituca “tocou-a” para mim no teclado de sua Remington enquanto trauteava a melodia: (téc-téc-tec-tec-tec). “Trabalhando o sal/(tec-tec-tec) amor é o suor que me sai...” Marilton tinha razão (“é doido esse Bituca”).

Gostávamos de andar à noite pela cidade. Era quando encontrávamos mais clima para conversar, trocar idéias e criar projetos. Éramos peripatéticos. A rua Rio de Janeiro, indo para os lados do bairro de Lourdes, era a nossa predileta.

Numa dessas noites, bêbados e sentimentais, eu e Bituca encontramos a árvore de nossa vida. Apesar de parecer uma árvore como qualquer outra, aquela velha senhora não era uma árvore como qualquer outra. Tão logo a vimos, destacou-se para nós sua misteriosa qualidade especial. Aquilo que a fazia tão sensivelmente diferente das outras, apesar de aparentemente igual, tornou-se de imediato manifesto como uma velhice única, uma textura inimitável, uma complacência vegetal de receptáculo amigável ou templo vivo; também uma imperiosa ordem para nos sentarmos debaixo dela, exata parada. Tão forte e veemente foi aquele apelo que Bituca se abraçou à árvore, como se entendesse o que acontecia dentro daquele corpo vivo em folhas, daquela mente fotossintética. Eu também, movido por estranha religiosidade, fiz o mesmo. A árvore gostou de nosso abraço. Estava ali, era veneranda e eu diria: quase humana. Passamos a visitá-la como quem visita uma velha parente, uma avó que mora há anos no mesmo lugar. Bituca chegou a escrever um conto para ela. Um poema de amor à mulher amada.

No dia de ver *Jules et Jim*, estávamos felizes como dois meninos em férias deliciosas. Felizes porque fazia uma bela tarde ensolarada, éramos jovens e fortes e, apesar da ditadura, íamos ver um filme genial. Caminhávamos a passo acelerado. Pela enésima vez, eu repassava as emoções que sentira na pré-estréia:

– ... genial a seqüência de Thérèse, *la locomotive*, Marie Dubois é linda, tão genial como Jeanne Moreau... Quando Jules vira estudioso de insetos na Floresta Negra, então, rapaz, que tristeza, que emoção! Você vai ver... quando entra a música do Georges Delerue, é inesquecível, você vai ver... É o maior tributo à amizade que eu já vi, *Jules et Jim*, *avec un D devant, à l'anglaise...*

Quando olhei para o lado e tomei fôlego para continuar minhas loas, cadê Bituca? Há quanto tempo eu estaria a falar sozinho que nem um idiota? Onde se meteu esse cara, como me faz uma dessas? Ainda agora estávamos caminhando juntos.

– Bituuccaa!! – chamei em voz alta.

Nada.

Entrei na loja de discos em frente, quem sabe?... Nada. Na lanchonete. Nada. Comecei a ficar nervoso, puxa! Ver *Jules et Jim* sem Bituca ia perder a metade da graça. Cadê esse cara? Comecei a gritar, sem me dar conta de que estava no meio da rua, centro da cidade, segunda-feira, duas da tarde:

– Bituucaaaa!!! Biiiituuucaaaa!!!!

As pessoas olhavam espantadas para mim, nervoso, gritando assim na rua.

Então, sem mais nem menos, Bituca ressurgiu em minha frente. Pela posição em que apareceu, deduzi que estivera o tempo todo escondido atrás de um Oldsmobile vermelho estacionado a poucos metros dali. Com a cara mais séria deste mundo, ele reapareceu:

– Pára de gritar, bicho. Tá parecendo louco.

– Você!... Você é um cretino! – Eu tinha ficado realmente irritado, mas estava achando graça, de modo que falei isso meio rindo.

– Cretino – repetiu Bituca. – Você é o primeiro cara na minha vida que me chama de cretino.

Começou a dar aquelas suas gargalhadas escandalosas. Aquilo virou um acesso incontrollável. Alguns passantes paravam por alguns segundos, olhavam, meneavam a cabeça em desaprovação e seguiam seu caminho. Fui contagiado pelo acesso de riso de meu amigo. Explodi em gargalhadas convulsas que se transformaram em tosse paroxística. Rimos até doerem os músculos da face e o ar faltar aos pulmões, rimos até endurecer os músculos da barriga, até faltar força para rirmos mais. Sabíamos que um riso assim destinava-se a selar definitivamente uma grande cumplicidade.

Calamo-nos ao mesmo tempo, perfeitamente sincronizados.

Recomeçamos a caminhar em silêncio. Subitamente, como que ligados a um mesmo impulso, a um mesmo *insight* poderoso e inexorável, como se alguma força misteriosa e terrível nos houvera lançado em inesperado cântico jogral, ambos dissemos na mesma entonação e precisamente ao mesmo tempo:

– Coleman Hawkins!

Entreolhamo-nos, espantados e incrédulos.

– Bicho! Quê isso! – exclamou Bituca.

– Sei lá, cara. Incrível! Em que você estava pensando antes?

– Em nada, acho.

– Será que foi algum som?

– Sei lá, bicho. Se ainda fosse Miles Davis, mas Coleman Hawkins!...

Eu, héin...

– Na loja de discos. Não, não vi...

– Incrível...

Viramos uma esquina. Amazonas com Tamoios. Havia uma banca de jornais. Parei para ler as manchetes. Esse meu hábito irritava Bituca sobremaneira.

– Ora, vamos, Das Baixínhans – disse com impaciência.

O tom da minha resposta fez Bituca parar também e sentir o mesmo arrepio:

– Olha isso aqui, bicho. Num acredito de jeito maneira.

Aponte para um canto da primeira página de um jornal carioca.

Bituca leu e não quis acreditar:

– Isso não existe, bicho.

– Não é impressionante?

Num canto modesto da primeira página, uma pequena manchete abria a notícia que não passava de um parágrafo: MORRE O SAXOFONISTA COLEMAN HAWKINS.

Entramos no Cine Tupi às duas horas da tarde ou pouco mais. Achamos assento bem na frente.

– Você vai ver que genial – antecipei.

– Nada pode ser tão genial assim – Bituca censurou. – Vê se pára de falar.

O filme logo começou. Nos primeiros dez minutos, silêncio entre nós dois. Aos poucos, Bituca reconhecia uma cena qualquer que eu lhe narrara previamente. Nesse momento, me apertava o braço ou me dava uma cotovelada. A emoção crescia à medida que o drama narrado no filme tomava corpo. *Qu'est-ce que vous pensez de notre ami Thomas?*, Jim perguntava a Jules numa cena onde Jeanne Moreau estava vestida de homem, tinha um pequeno bigode preto pintado sobre

o lábio, atravessava correndo um pontilhão de ferro, estava alegre e era maravilhosa; não especialmente bela, nem inteligente, nem sincera, mas uma verdadeira mulher; era a ela que todos os homens desejavam, era a ela que Jules e Jim amavam, a Catherine. A música sublinhava cada emoção. Nossas lágrimas furtivas eram lindas, iluminavam um universo novo que se descortinava à nossa frente, revelando a plenitude, a possibilidade de comunhão daquele amor único por toda a espécie humana, sentimento poderoso compartilhado ali entre dois seres que o destino há tão pouco tempo colocara frente a frente naquela Babel que era o Levy e já os transformara, sim, sem dúvida, nos dois mais intensos, harmônicos e especiais amigos que aquela cidade ou qualquer outra já vira. O filme tornou isso uma certeza entre nós dois.

Terminada a sessão, olhos ainda cheios de lágrimas, Bituca disse:

– Puxa vida, bicho! É genial assim, sim. Nossa!

– Não te falei? Agora você já sabe – comentei com voz embargada.

– E a música, bicho, o quê que é isso! As quintas! – E Bituca solfejou com precisão um trecho da música do filme. Olhou para mim e nenhum dos dois arredou pé dali. Continuamos sentados, tomados pela emoção. Começou a segunda sessão, mais ou menos quatro horas da tarde. Novos detalhes então se incorporaram às primeiras sensações, pequenas sutilezas de um plano-sequência, o movimento elegante de uma câmera, a passagem de um figurante, o sentido exato de uma frase, as nuances de uma melodia. Mais lágrimas foram vertidas então, agora também acrescentadas de um entusiasmo ativo como uma catarse, a certeza de um destino em curso, tecido com aquele mesmo tipo de fatalidade exposto no filme.

Terminou a segunda sessão, seis horas da tarde. Eu e Bituca nos encontrávamos ligados por poderíssimo contato telepático que tornou inútil qualquer consideração verbal a respeito da necessidade inevitável de vermos ainda uma vez mais – e gravar para todo o sempre – *Jules et Jim*.

– Só vou ali fumar um cigarro e já volto – eu disse.

– E eu vou beber água – ajuntou Bituca.

Dali a pouco ouvimos os acordes musicais da abertura da Art Films. Voltamos correndo para a sala escura, bem a tempo de ouvirmos pela terceira vez naquele dia a epígrafe do filme, uma voz de mulher reci-

tando em francês, sobre tela negra, algo que poderia ser mais ou menos traduzido assim:

Tu me disseste eu te amo

Eu te disse me espera

La dizer-te conquista-me

Tu me disseste vá embora.

Quando pusemos de novo os pés na rua, o relógio da Igreja São José marcava oito horas da noite e não restava mais sinal do lindo dia ensolarado que fizera. Algo ainda maior do que aquela transformação do dia em noite se transformara dentro de nós dois e no sentido inverso, pois que ia do obscuro para o iluminado. Fomos direto para o Levy, direto para o “quarto dos homens”. Sem delongas, Bituca pegou seu violão (que já tinha lugar cativo no quarto) e inventou um tema; melhor, destilou tudo aquilo, todas as emoções que andara sentindo nos últimos tempos, desde sua mudança para o Levy, culminando naquelas seis horas ininterruptas que passara concentrado na magia de uma linda história de amor escrita com luz e sombra, emoções que começam por determinadas predisposições estéticas mas que logo se transmutam em âncoras morais, em reservas éticas que propiciam então ao espírito criar, alçar vôo numa cadeia de sons puros e naturais, como puras e naturais eram as próprias sensações inatingíveis por nomes e conceitos e, no entanto, ou talvez exatamente por isso, tão vivas e destacadas; destilou tudo aquilo como premência inevitável de dar testemunho da alegria e da grandeza de estar vivo naquele momento, vivo para presenciar a delícia de ser, delícia que só poderia estar provindo da própria alma, era mesmo a prova cabal da existência de uma. Por minha vez, eu rabiscava algumas palavras em torno do tema que descrevia a mim próprio como “Paz do amor que vem”:

A vida vem de algum lugar

para nos falar de alguma paz

de um amor...

Não que achasse isso bom, mas não conseguia escrever mais nada, nem estava achando realmente necessário interromper aquela viagem linda com meia dúzia de palavras mais ou menos vazias. De qualquer modo, cantamos aqueles versos singelos com fervor e gravidade, pois o momento assim o exigia. Bituca deixou-se levar – e me levou consigo – para muito, muito longe, para uma região de melodias intrincadas e misteriosas, entoadas em puro improvisado de cristalinos falsetes, coisas que nem eu, nem ninguém, nem ele próprio, jamais escutáramos antes. Era como se estivéssemos na Floresta Negra, juntos a Jules, Jim, Catherine, e todos nos achássemos instalados ali, no “quarto dos homens”, como ectoplasmas feitos de som. Tudo continuava naqueles acordes, François Truffaut, o Amor e Amizade, Raoul Coutard, o mago do nublado e do noturno, Jeanne Moreau, o Levy, tudo encadeado como átomos na cadeia dos cristais de pura música; tanto, que nos deu a certeza de que uma nova história começava a se escrever ali mesmo para nós, naquele instante, e que as eras poderiam se dividir, a partir desse fato consumado, em A.J.J. e D.J.J.; isto é, Antes de Jules e Jim e Depois de Jules e Jim.

Saíram três músicas nessa noite: “Paz do Amor que Vem” (Novena), “Gira-Girou” e “Crença”.

Depois disso, as músicas continuaram saindo, uma após outra, rapidamente. Eu com lápis e papel na mão, Bituca sentado na cama com o violão. Essa cena passou a repetir-se com frequência. “Terra”, “Das Tardes Mais Sós”, “Maria Minha Fé”, sobre sua grande amiga trespontana Maria Amélia Boechat – tudo sempre acabando devidamente comemorado por nós dois com muita batida de limão no Bigodoaldo’s, nosso local sagrado, inseparáveis parceiros. O proprietário dizia que jamais tinha visto uma amizade assim tão bacana entre duas pessoas. Deixava-se ficar ao lado de nossa mesa, ouvindo os inéditos poemas, as recém-nascidas “filhas”, como chamávamos as músicas que íamos criando. Muitas vezes as comemorações terminavam em choros emocionados, lágrimas inesquecíveis que marcariam a vida dos dois rapazes. A súbita capacidade de parir aos jorros tantas

obras pessoais, originais, nos lançara como que para fora do mundo. A gente se isolava, refletia sobre as mazelas que tinha diante dos olhos, representadas sobejamente pela barra pesada, pela repressão da ditadura, e criava uma representação musical da ternura, do amor e da ira que tais reflexões suscitavam. Alguns amigos da turma do Levy não viam com bons olhos aquele nosso isolamento do resto da turma. Cássio James e Sérvulo Siqueira eram praticamente os únicos que tinham acesso mais ou menos livre aos tesouros ocultos que jaziam atrás daquela insólita amizade, do Quixote Preto e seu Sancho Branco. Nós, alheios ao bochicho, continuávamos compondo e amando nossas músicas como filhas.

– Nunca vamos fazer música sem ser um com o outro – prometíamos-nos, sem imaginar que as tranças do destino já estavam pondo a caminho um certo jovem Fernando Brant.



© JUVENAL PEREIRA

Fernando Brant, repórter da revista "O Cruzeiro", 1971

1 "TRAVESSIA"

Maria Célia Brant, a mulher mais bonita que já pisou neste planeta, segundo a apreciação entusiástica de Bituca, viu o amigo na sala e falou:

– Espera aí um pouco.

Voltou com um violão novinho que acabara de ganhar.

– Toca aí aquela.

Ela se referia à música que Bituca fizera com Fernando, seu irmão:

... quando você foi embora...

No final Maria Célia falou para Bituca:

– Agora põe seu autógrafo aí no violão.

– Mas é novinho, vai estragar.

– Vai estragar nada. Vocês vão ganhar esse festival e ficar famosos. Quero ser a primeira a ter um autógrafo seu no violão.

Bituca, muito sem graça, assinou.

Em 1967, os horizontes de Belo Horizonte estavam ficando estreitos demais para os freqüentadores mais inquietos do Ponto dos Músicos. O pianista Hélius Vilela largara seu emprego no banco e se mudara para o Rio juntamente com Celinho Trumpete. Wagner Tiso fizera a mesma coisa. Nivaldo Ornelas, Pascoal Meirelles, Paulinho Braga, Nelson Ângelo e outros faziam as malas. A ditadura já fizera

seu terceiro aniversário. A repressão militar aumentava e, ao que constava, os próprios militares estavam em crise entre eles. O jogo endurecia. Fui expulso do Colégio Anchieta por indisciplina; ou melhor, o professor Newton, muito gentil, me aconselhara a abandonar seu colégio enquanto ainda podia conseguir transferência, liberação de papelada, havia tantos colégios bons em Belo Horizonte, eu que não perdesse a chance que ele, magnânimo, estava me dando. Parei de estudar. Continuei trabalhando no *Diário da Tarde*, como crítico de cinema. Pelo menos podia fazer o que mais gostava e ainda ganhar uns trocados. No embalo de *Joãozinho e Maria* começara a rodar outro curta, mas já o interrompera há muito tempo por falta de grana. Via uns três filmes diferentes por dia até esgotar tudo o que tinha em cartaz. Aí recomeçava, até entrar filme novo. O pessoal mais antigo do CEC tinha fundado o CEMICE – Centro Mineiro de Cinema Experimental – e o nosso querido cineclubista encontrava-se provisoriamente acéfalo. Colocaram-me como diretor de programação. Deitei e rolei uns três ou quatro sábados. Depois desisti de passar meus dias rodando distribuidoras à cata de pérolas da cinematografia mundial.

Um dia chegou a notícia. Marilton foi quem a trouxe.

– Bituca classificou três músicas no Festival Internacional da Canção.

Eu ainda amargava a decepção da desclassificação de “Irmão de Fé” e nem sabia que Bituca tinha mudado de idéia. Senti uma vibração de alegria e uma estranheza:

– Engraçado... Sabe quais são as músicas?

Marilton não sabia. Acabamos sabendo: eram “Maria Minha Fé”, sua homenagem à amiga Maria Amélia; “Morro Velho”, a tal que eu julgara uma indireta, toada elaborada com sofisticação harmônica e letra que refletia sobre o modo de vida do interior e suas relações sociais, o preto de viola na mão, que substitui o brinquedo pelo trabalho, enquanto seu amiguinho branco, filho do senhor da fazenda, vai estudar na cidade e volta doutor; e uma tal de “Travessia”, com Fernando Brant, da qual eu nunca ouvira falar. É... em matéria de festival, eu dera mais sorte com o de cinema...

Naquela hora da tarde, eu sabia onde encontrar Fernando. Estava num bar chamado Saloon, na rua Rio de Janeiro, ponto de encontro dos escritores e contistas de Beagá. Lá estava ele, numa roda com

Sérgio Sant’Anna, Jaime do Prado Gouveia, Adão Ventura (“Abrir-se um Adão, mesmo depois de deduzir dele o Ventura”) e outros. O Saloon pertencia à mãe da cantora Zabelê, amiga da turma.

– Ficou sabendo do Bituca? – perguntei.

– A nossa música entrou – ele me respondeu.

– Que música é essa, “Travessia”?

– É o “Vendedor de Sonhos”. Nós tiramos aquela parte que você achava esquisita... “Quem quer comprar meus sonhos...” Aí não tinha mais sentido ela ficar com aquele nome. “Travessia” você gosta?

– É...

Mais do que enciumado, eu estava decepcionado pelo fato de não ter conseguido, em dois festivais, classificar sequer uma canção de minha parceria com Bituca.

No entanto, ainda teria minha chance no Festival Internacional. Alguns dias depois disso, Toninho Horta me procurou com uma linda canção para colocar letra. Se a fizesse a tempo, poderíamos inscrevê-la no Festival. No momento era eu quem não queria saber mais dessa história de concurso de música, mas como o parceiro seria Toninho Horta, grande caráter, amigo do Lô, e ainda por cima irmão de Paulo Horta, fiz a letra. Fiz por prazer e lavei as mãos quanto ao Festival.

Graças exclusivamente aos esforços e méritos de Toninho, “Correntes” foi classificada.

Toninho Horta trabalhava na gravadora Bemol, que produzia jingles comerciais. Uma vez classificada “Correntes”, ele e eu deveríamos preencher a ficha de inscrição apropriada e mandar fotos 18x24. Fotos custavam dinheiro, por isso Toninho negociou tirar as nossas no Studio Rodolfo, que mantinha uma espécie de permuta comercial com a Bemol.

Por minha própria conta, convidei Fernando Brant, pois sabia que ele também precisaria fazer a inscrição de “Travessia”.

– Vamos tirar essas fotos no Rodolfo.

– Mas ele é o mais caro da cidade, mais caro que o Zatz...

– Não vai custar nada. É na conta da Bemol.

- Mas eu não tenho nada a ver com a Bemol.
- Nem eu. O Toninho já conversou lá. Conhece o Toninho?
- Pois, então. Eu nem conheço esse Toninho.
- Vamos lá que eu te apresento. Se der deu, se não der, azeite, uai.

No dia seguinte, nos encontramos à hora combinada, à porta do edifício onde funcionava o Studio Rodolfo, na rua Goitacazes, centro.

– Toninho, este é o Fernando Brant, parceiro do Bituca; Fernando, Toninho Horta, meu parceiro. Pronto. Estão apresentados. Toninho, será que dá pro Fernando tirar suas fotos junto com a gente?

– Por mim... vamos lá pra ver.

Subimos até o andar do estúdio. Rodolfo, o fotógrafo, desconfiou:

– Uai, mas não eram dois?

– Não, não, somos três mesmo.

Tiramos as fotos. Na saída, Toninho combinou com Rodolfo:

– As minhas e as dele – apontou para mim – você pode mandar para a Bemol quando estiverem prontas. As do Fernando, ele vem aqui buscar. Amanhã está bom? – e piscou um olho disfarçadamente para nós.

Sáímos os três e fomos tomar um suco de frutas ali perto.

Os organizadores do Festival Internacional da Canção colocaram todos os concorrentes no Hotel Regente, na avenida Atlântica. Artistas famosos se misturavam aos novatos como eu, Fernando Brant e Toninho Horta.

Bituca, ufa!, fora salvo do furdunco onde alguém do Festival o colocara pelo contrabaixista pernambucano Djair Barros e Silva, o Novelli, que não admitiu ver a grande revelação do Festival enfiada num pardieiro daqueles, um beco qualquer do Catete, e levou o novo amigo para seu próprio apartamento, na rua República do Peru, em Copacabana.

Eu o conhecera através de Bituca, num bar do Leme chamado Sachinha, ponto de encontro de compositores e letristas universitários. O grupo dos rapazes tinha até um nome: MAU – Movimento Artístico Universitário.

Bituca estava totalmente constrangido pelo fato de nenhuma das três músicas classificadas ter sido feita em parceria comigo. Ao nos encontrarmos, ficou sem graça.

No Hotel Regente, fotógrafos, jornalistas e câmeras circulavam por halls e corredores. Eu comparava aquela organização aparatosa com as singelas etapas do festival de cinema amador do qual acabara de participar. Uma coisa era por demais evidente: a indústria da música estava consideravelmente mais organizada e era muito mais poderosa do que o nosso cinema. Covardia. A indústria fonográfica era estrangeira. “Vera Cruz” e Atlântida eram coisas da minha infância.

No café da manhã, uns fotógrafos assediavam o cantor Juca Chaves na mesa ao lado. Noutra mesa reconheci o venerável mestre do frevo, Capiba, fazendo seu desjejum com o violonista Alcivando Luz. O organizador Augusto Marzagão procurava chamar atenção dos jornalistas para o novato Milton Nascimento. Bituca, taciturno e tímido, enfiava a cabeça para dentro do pescoço. O organizador tecia loas, enfatizava o fato de Bituca ter classificado três músicas! Ele e Vinícius de Moraes! Meu amigo foi então sacado da mesa onde tomava café com Fernando e Toninho e colocado numa mesa à parte, onde foi entrevistado e fotografado. Logo depois, Fernando também foi chamado à outra mesa, onde foi entrevistado e fotografado ao lado de Bituca. Na mesa do café da manhã restamos eu e Toninho.

– É, rapaz, é fogo... – Toninho sorriu.

À tarde, um ônibus especial levou os participantes para os ensaios no Maracanãzinho. Pelo caminho, eu pensava nas coisas do destino, que me colocara ali naquele ônibus apenas porque tinha sido procurado por Toninho na última hora; senão, nem sequer estaria por perto quando as coisas acontecessem. “Correntes” não me proporcionava a mesma segurança que sentiria se a música fosse “Irmão de Fé”, ou “Coragem”, ou “Paz do Amor que Vem”, ou “Crença”, ou “Terra”, ou qualquer outra parceria com Bituca, filhas paridas e criadas entre dores e batidas de limão, mas era bom ir me acostumando, porque naquele exato momento uma enorme roda já tinha sido posta a girar e o efeito disso seria a simples trituração de tudo o que pudesse ter perdurado até então do modo como fora antes, a absorção total dos nos-

tos inocentes tempos de pré-história “levyana” num outro tempo muito mais premente e muito mais duro, feito por e para homens, não meninos. As luzes que começavam a acender sobre nós não ofuscavam a visão clara de que tempos difíceis eram aqueles e os que estariam por vir.

No Maracanãzinho, a diferente categoria dos crachás nos separou momentaneamente. Bituca tinha acesso à área do palco, camarins e todos os setores; o meu restringia meus passos à área destinada aos convidados. Mesmo assim, aquilo era excitante, a orquestra passando os arranjos, os candidatos circulando com seus crachás ao peito, os fotógrafos disparando *flashes*. Avistei, sentados bem em frente ao palco, os pais de Bituca, Josino e Lília. Fui depressa ao encontro deles e abracei-os com entusiasmo.

– E aí? Felizes?

– Claro, não é para estar? Bituca classificou três músicas.

Dona Lília estava orgulhosa do filho.

– É verdade... E aí, seu Zino?

– Quer dizer que você também entrou, não é?

– Na última hora, mas entrei.

– E as músicas da dupla, porque não entrou nenhuma?

– Ficam pra próxima...

Todo mundo me perguntava aquilo: papai, mamãe, meus irmãos, Dickson, Marisa, a turma do Levy, o pessoal do CEC, os músicos do Ponto, todo mundo que estava cansado de nos ver dependurados um no outro o tempo todo, compondo, tocando e cantando, mesmo depois de ele ter se mudado para São Paulo. Puxa vida, eu não sabia explicar, não tinha resposta, era a mão do destino. Aliás, Bituca não tomara nenhuma iniciativa, aquilo tinha sido coisa do Agostinho, escolha pessoal, à revelia... Fernando não tinha nenhuma outra música...

De volta ao hotel, finalmente conheci o cantor Agostinho dos Santos e dei boas gargalhadas. Ele era muito engraçado. Os cuidados e atenções que dispensava a Bituca, sempre de um jeito muito cômico, revelavam no fundo um grande carinho e vontade de ajudar. Grande alma.

O Maracanãzinho, colorido de multidão, era um alarido só. Vestido com minha melhor roupa, lá estava eu olhando para as arquibancadas cada vez mais cheias. Aquilo sim, era uma multidão; aquilo sim, era um alarido. E eu que tremia apenas com a platéia do Paissandu... Agora tremia e ansiava por Bituca; os jornais falavam dele com grande expectativa. Eu próprio não me sentia concorrente; não conseguia. A família Brant viera torcer por Fernando. Os Silva Campos e mais uma porção de gente de Três Pontas também tinham vindo. Todos exibiam crachás e estavam na área das cadeiras de pista, próximos ao palco. Encontrei Dida:

– Como vai a reserva hídrica do camelo? – perguntei.

– Ô rapaz. Cê viu o crioulo? Arrasou.

– E o delegadinho de merda?

– Nem sei mais. Eu agora moro em Santos. Sou siderúrgico.

Fiquei por ali conversando com os conhecidos que via, enquanto a orquestra afinava seus instrumentos, em meio a um vozerio ensurdecedor.

As luzes da platéia se apagaram. O barulho de multidão cresceu, o palco clareou. A orquestra atacou o tema de abertura e cobriu a voz das arquibancadas. Empolgante. Embalado pelo entusiasmo que tomou conta de todos, saí correndo do lugar onde estava, para tentar entrar na área dos camarins. Centenas de pessoas se dependuravam nos gradis que separavam aquela área do resto. Policiais militares e seguranças guardavam o outro lado. Com muito esforço, consegui entrar, graças ao meu crachá que dizia AUTOR.

No palco, o apresentador Hilton Gomes dava solene procedimento à abertura do 2º Festival Internacional da Canção, ou 2º FIC, como era chamado nas internas.

Procurei Toninho Horta num camarim e desejei-lhe boa sorte, dentro de um demorado abraço. Depois procurei Bituca. Dei uma ajeitada no seu cabelo, pus umas molinhas no lugar com uns tapinhas de leve. Despedimo-nos com um beijo fraternal. Procurei um lugar de onde pudesse ver o que acontecia no palco sem ter que abandonar a área dos camarins. Achei um lance de escadas onde me sentei e fiquei. Durante a execução de “Correntes”, julguei ouvir um início de vaia e corei de vergonha, no escuro. Ao final, soaram alguns aplausos frios.

As três músicas de Bituca foram aplaudidas de verdade. Agostinho dos Santos deu a “Maria minha Fé” uma interpretação emocionante. Em “Morro Velho” Bituca mostrou competência, debaixo do nervosismo natural de uma estréia daquelas, diante de trinta mil pessoas e um número não calculado de telespectadores.

Mas foi com “Travessia” que a multidão se emocionou.

No entanto, só vi surgir mesmo a favorita do público quando um rapaz baiano, chamado Gutemberg Guarabira (que eu vira nuns cafés da manhã no hotel), entrou no palco com um bando de moças e rapazes e apresentou “Margarida”. A música era bonitinha, mas tinha um refrão fácil e apelativo, extraído diretamente da cantiga de roda homônima. Exatamente por isso enlouqueceu as arquibancadas.

No final, o júri se reuniu numa área especialmente reservada e escolheu as finalistas. Hilton Gomes voltou ao palco e, com suspense, anunciou o resultado. As músicas de Bituca haviam se classificado. “Correntes” não. Compreendi que para mim a festa terminava ali.

No dia seguinte, Bituca me procurou no quarto do hotel.

– Você não vai embora.

– Claro que não. Quero assistir você ganhar esse Festival.

– Estou falando amanhã. Você não vai embora amanhã.

– Minha diária vai até amanhã ao meio-dia.

– Você fica no Novelli comigo. Eu falo com ele.

Novelli morava com um baterista chamado Normando. Se permitissem, então eu ficaria com eles, claro.

Ao cair da noite, voltamos ao Maracanãzinho no ônibus especial. Nos arredores do estádio o movimento era grande. Nas poltronas da frente do ônibus, Bituca e Agostinho conversavam e riam sem parar. De vez em quando troava pelo corredor uma daquelas gargalhadas estilhaçantes de meu parceiro. Ele estava bastante feliz, mas brevemente teria motivos para ficar ainda mais.

Dentro da área dos camarins, me encontrei com um daqueles caras que conhecera no Sachinha. Era magrelo, de aspecto físico doentio e roupas simplórias. Vi Bituca chamá-lo de Gonzaguinha.

Quando soaram os primeiros acordes do tema de abertura, foi um corre-corre e sobramos eu e Gonzaguinha. Levei-o até o lance de escadas da véspera. Ali nos sentamos e ficamos ouvindo, mais que vendo.

– “Travessia” é a música mais bonita que já ouvi na minha vida. – ele me confessou.

Bituca passou por nós e se dirigiu ao palco, com seu smoking que deixava aparecer as meias brancas. No mãozão direito, o Manículas Prospectus empunhava o violão. Deixou um sorriso tímido para trás, em nossa direção, e subiu. Aos primeiros acordes, nós já ouvimos a multidão ulular em aprovação. Bituca começou:

“Quando você foi embora...”

Aplausos cobriram sua voz e ele continuou. Estava simplesmente demais. Gonzaguinha não conteve a emoção. Abraçou-me e, enfiando a cabeça no meu ombro, deixou rolar um pranto volumoso e cheio de soluços, enquanto lá no palco a garra da interpretação de meu irmão número doze transformava o rugido da multidão num uníssono emocionado, feito de milhares de vozes:

*... Solto a voz nas estradas
já não posso parar
meu caminho é de peeeeedra...*

Bituca estava consagrado. Não. Milton Nascimento estava consagrado. No camarim, Fernando abraçou Bituca e os dois, emocionados, tocados por aquela enorme receptividade, aquela comunhão maravilhosa com o público, foram assim festejados, entrevistados e fotografados.

Mas quem ganhou mesmo o Festival foi a favorita “Margarida”. Bituca tirou segundo lugar com “Travessia” e ganhou também o prêmio de melhor intérprete. Juntando suas três músicas, fora, de longe, o artista mais aplaudido da festa.

Aproveitei o último café da manhã e me mudei para o apartamento de Novelli, rua República do Peru. Bituca foi comigo, mas logo teve de sair porque, desde o sucesso de sua participação no festival, andava sendo muito assediado por repórteres e empresários. Nos dias subsequentes, mal nos vimos. Ele compareceu a jantares e recepções com Fernando Brant; ofereciam-lhe contratos, pediam entrevistas. Nessas ocasiões, eu permanecia em casa, ou então saía a passear por Copacabana, ia até o Beco das Garrafas e prestava minha silenciosa reverência ao Bottle's, que o povo do Ponto dos Músicos lá da minha província cultuava como lugar sagrado, embora eu soubesse que a famosa boate da bossa-nova já não estava mais no auge.

Quando a maré das celebrações festivas baixou, Bituca tinha assinado contrato para gravar um LP com certa fábrica desconhecida, de nome Codil.

Nas poucas oportunidades que surgiam de estarmos a sós, tal a quantidade de solicitações de que era alvo, Bituca dizia:

– O que mais quero é visitar nossa árvore, andar à toa pela rua Rio de Janeiro com você... E vamos gravar “Wichita Lineman”. Não nesse disco, que já temos músicas demais. Num outro – isso porque, certa tarde, à saída da Churrascaria Palácio, tempos atrás, eu e Bituca nos lembramos de Jimmi Webb e eu cantei certa melodia que estava fazendo muito sucesso na voz de um Glenn Campbell:

*I am a lineman for the county
and I drive the main road...*

– Você canta isso bonito – disse Bituca. E ajuntava sua voz à minha. Gostávamos também de Richard Harris cantando:

*... McArthur Park is melting in the dark
all the sweet green icing flowin' down...*

Voltei para Belo Horizonte. Bituca permaneceu no Rio, aproveitando a súbita fama.

Quando cheguei em casa, depois de oito horas dentro de um Pássaro Azul dos mais desconfortáveis (trocara minha passagem aérea por dinheiro numa agência de viagens em Copacabana, para poder ficar mais uns dias no Rio), encontrei os móveis encaixotados, os beliches desarmados e uma porção de operários carregando coisas num entre-sai. Então, o caminhão de mudanças que eu vira estacionado na porta do Capri era para o 201! Minha casa!

De volta para Santa Tereza! Enquanto eu andava no Rio, dona Maricota e seu Salim, cansados de pagar aluguel, encarar porteiros grosseiros (“além de tudo, Bituca tem medo de seu João”, dizia mamãe) e síndicos incompetentes, resolveram fechar parte dos Cursos Senhora de Fátima e apenas manter em funcionamento os barracões anexos dos fundos, voltando a parte principal da casa a ser apenas o bom e velho lar dos Borges.

Sem me demorar ali, peguei um táxi e mandei tocar para Santa Tereza. Depois de três anos perambulando pelas ruas do centro, aquela volta à velha rua Divinópolis era a melhor coisa que me acontecia nos últimos tempos. Sentia meu coração palpitar de alegria.

Quem me recebeu, na porta lá de casa, foi meu amigo de infância Márcio Cardozo, o Bauzinho. Era um mulato magro e cheio de onda, um ano mais velho que eu. Nascido e criado ali na rua Divinópolis 89, era um patrimônio do bairro.

– Qualé, barão. Voltou para habitar outra vez o reino dos pobres?

– Por pouco tempo – respondi. – Que o negócio está é no Rio, meu irmão.

– Sua música também era boa. Mas essa onda de júri tá por fora.

– Podes crer.

– Quem deitou e rolou mesmo foi o crioulo.

– Se deu bem... aí, posso morgar na sua casa? Estou no maior prego.

– Tendo em vista as circunstâncias, vá lá. Mas não acostuma não, viu barão, que a casa da dona Venância não é pensão de vagabundo não, falou?

A família Borges estava provisoriamente desarticulada naqueles dois ou três dias que se leva para pôr em ordem uma mudança daquele

tamanho. Na casa de meu xará, a mãe dele, dona Venância, amigona de mamãe, preparou uma sopa de legumes com nacos de carne cozida, deliciosa, e dez minutos após o repasto eu já estava roncando no quarto dos fundos, *Bunker* do Bauzinho.

Acordei fora de hora e no escuro; custei a entender onde estava. Um galo cantou bem perto. Sentei na cama, esperando a pupila se dilatar na escuridão. Depois, lembrei-me de onde estava e voltei a dormir um sono pesado. Se tivesse sonhado, certamente teria sido com Bituca e o Maracanzinho tremendo sob a vibração de uma multidão ululante:

... vou soltar o meu praaaanto...

Nos festivais de música eu podia ser um fracasso, mas *Joãozinho e Maria* continuava dando sorte. Inscrito pelos organizadores do JB-Mesbla numa mostra internacional, durante a Expo 67, no Canadá, sua exibição fizera jus a um diploma de mérito e um cheque em dólares que foi imediatamente cambiado, tão logo abri o envelope de selo canadense e vi seu conteúdo.

Quanto à minha obra-prima musical, ainda continuava devendo. “”, a tal idéia da mulher-país, linda e perdida, ganhara um primeiro esboço que em nada me satisfizera, nem a Bituca. Há dois anos teria sido mais fácil. Nós nos trancafiaríamos no “quarto dos homens” e só sairíamos de lá com ela pronta. No momento, restavam as cartas. Numa delas, Bituca me revelou que tinha conhecido um grande cara. A carta falava de passeatas, líderes estudantis, organização dos artistas. Mas o que fascinou Bituca foi que o rapaz além de tudo era um inspirado poeta.

Chamava-se Ronaldo Bastos Ribeiro. Era o terceiro de quatro irmãos. Os outros eram Roberto, Raimundo e Vicente. Nascido e criado em Niterói, tinha vinte anos de idade e presentemente se encontrava

afundado em seu leito de enfermo num apartamento na rua Voluntários da Pátria, onde morava com os pais. Padecia o resguardo prolongado de uma hepatite que derrubara seu ânimo aguerrido. Aproveitava o tempo ocioso para ler muito, criar novos poemas, roteiros, projetos gráficos – e agora também letras de músicas com seu mais recente amigo e parceiro, doravante companheiro de trincheira, numa jornada destinada a durar anos e anos, iniciada ali, doente na cama, com as primeiras composições da dupla, “Rio Vermelho” (co-autoria de Danilo Caymmi) e “Três Pontas”, esta segunda em homenagem à cidade mineira que ainda nem conhecia e da qual, na verdade, nunca ouvira falar antes de conhecer Bituca.

Alheio a tudo isso, eu me readaptava à vida suburbana de Santa Tereza. Sinuca no bar do Tuchão, rodadas de violão no Clube, com Bauzinho, João Luiz e Lô. Como já foi dito, tudo em Santa era muito bem definido e quase sempre definido com a ironia peculiar da molecada do bairro. Por exemplo: o nome Alto dos Piolhos, onde ficava a sinuca, era uma clara referência aos bandos de cabeludos que freqüentavam o ponto. Da mesma forma, o nome “Clube” não designava senão uma pobre esquina, um pedaço de calçada e um simples meio-fio, onde os adolescentes da rua (e só raramente os rapazes da minha idade) costumavam vadiar, tocar violão, ficar de bobeira, no cruzamento das ruas Divinópolis e Paraisópolis. O Club” da esquina.

Passei a dar aulas de português para alunos entre dez e doze anos no cursinho de minha mãe. Além disso, continuava escrevendo e publicando minhas críticas de cinema. Minha rotina de ver vários filmes por dia estava interrompida, primeiro devido às constantes viagens, depois por estar morando longe da maioria dos cinemas da cidade.

Meus amigos do CEC ficavam cada vez mais malucos. A nova idéia que tiveram foi fazer uma festa que não acabasse nunca, realizar na vida o que nem Fellini conseguira realizar na ficção de *La Dolce Vita*: exorcisar o *taedium vitae*. A festa começou no apartamento dos irmãos Lara, na rua Rio de Janeiro, centro. Algumas garotas começavam a levar muito a sério uma história que estava ficando na moda: a libe-

ração feminina. As daquela festa praticamente avançavam nos homens. Todos os quartos, banheiros, tapetes e sofás estando já ocupados, um par formado ali na hora, ansioso por se liberar, não hesitou em saltar pela janela e fazer amor na marquise, a doze andares de altura. O mais surpreendente é que não chamaram a mínima atenção de quem quer que fosse, exceto a de Charles Veiga, o Macota, que pôde assim corroborar o fato e estabelecer a justificativa para o apelido com o qual o jovem par foi rebatizado a partir de então e pelo resto da festa: Monsieur Le Marquis e Madame La Marquise.

Depois, os mesmíssimos participantes foram todos para a casa de Carlão e Celiah e lá continuaram a festa, que durou mais ou menos uns dez dias e noites consecutivos. Quando tudo ia esmorecendo, a bebida no fim, algum participante voltava ao supermercado que funcionava ali perto, vestindo um grosso sobretudo, e afanava mais duas ou três garrafas de vodca ou uísque – e a festa continuava. As drogas, se chegaram a ser usadas, o foram tão discretamente que nem foram notadas por quem não usou. A prática usual era beber o máximo possível, ou “bebê”, como se dizia mineiramente, sem o erre final. A propósito dessa particularidade semântica, contava-se que Itaíbis Vilela, bebedor generoso, ilustrador talentoso e irmão do pianista Hélius, certa vez foi instado a visitar o A.A. (Alcoólicos Anônimos) por algum amigo talvez preocupado em excesso. A resposta de Itaíbis foi um rébus:

– Seu negócio é AA. O meu é BB.

Quanto a mim, antes de conhecer as drogas, conheci Ronaldo Bastos. Eu estava de volta ao Rio e Bituca me levou para uma visita.

– Você vai conhecer o Endoenças número dois – O número um era eu próprio, pois assim Bituca me chamava toda vez que eu reclamava de um resfriado qualquer, ou de uma tosse. Da primeira vez que lhe perguntei o que era afinal endoenças, Bituca me respondeu cantando em latim

*... tantum ergum
Sacramentum...*

acostumado, como sujeito do interior que era, às solenidades de Quinta-feira Santa. Com isso me dava também uma idéia sobre o tipo de confluências que desaguavam em sua música tão pessoal e diferenciada.

Na casa dos Bastos, Bituca foi acolhido com intimidade e calor humano. Entramos no quarto de Ronaldo e fui apresentado a um jovem magro, pálido, de grandes olhos verdes e cabelos louros cacheados, metido em pijamas que lhe davam a aparência geral frágil e diáfana de um anjo. Bituca pegou um violão e mostrou “Rio Vermelho”, a primeira parceria dos dois:

*... de dentro do peito as canções explodem
em pontas de facas rasgando o espaço e vêm
minha luta ajudar, ê...*

Com aquela nova parceria, Bituca mostrava estar desenvolvendo também seu talento para incorporar o que era bom aos seus projetos pessoais. Ronaldo seria de toda a valia para ajudar a criar um disco com linguagem própria e concepção original.

Saí dali impressionado com o jovem poeta fluminense. Aliás, em sua dura realidade hepática, enfermo numa cama, ele me parecia o mais idealizado estereótipo do jovem poeta enfermo e frágil, de aparência angelical, que alguém poderia conceber.

Eu e Bituca pegamos um cinema ao lado. Assistimos a *West Side Story*. Bituca se emocionou de verdade. Eu apenas estava revendo o filme pela terceira ou quarta vez. Com certeza, aquela obra-prima de Leonard Bernstein seria mais um afluente a despejar seu manancial naquele estuário chamado Milton.

Foi depois disso que tive meu dia de cão no Rio de Janeiro. Foi uma brecha na minha sanidade mental, um mergulho no desconhecido e na loucura, mas tudo começou como uma simples e inocente visita ao meu amigo Nelson Ângelo em sua primeira residência carioca, exatamente numa espécie de “república” chamada Solar das Fos-

sas, atrás do Túnel Novo. Nelsinho dividia um quarto com outro violonista e compositor, o estudante Ricardo Vilas. O Solar parecia uma república de estudantes igual a tantas que eu já visitara, por exemplo, em Ouro Preto, só que aqui a maioria de seus moradores tinha a ver com música. Pareceu-me um zoológico de antropóides e os quartos enfileirados ao longo dos corredores, jaulas que guardavam os mais originais e raros espécimes. Ao pisar no Solar, senti ecos distantes de San Francisco, as primeiras provas visuais que obtinha de algumas histórias que nos chegavam, contando viagens pelo espaço interior da mente, anunciando as novas relações tribais, a era de Aquário, o poder da flor. Mas aqui, em pleno Brasil da ditadura, aquilo me parecia um tremendo escapismo e me sentia predisposto a achar aquelas flores murchas ou pisadas pelas botas dos soldados, despetaladas pelos vendavais de gases lacrimogêneos que nos aguardariam ao final da bela *trip*.

Devia ser umas cinco horas da tarde quando entrei no quarto de Nelsinho.

– Ô Hirto! – exclamou ao abrir a porta. (Ele só me chamava de Hirto.)
Conversamos fiado, fizemos um som.

O som atraiu moradores dos quartos vizinhos. Logo a espelunca de Juca do Nerso (eu só o chamava de Juca do Nerso) estava cheia de cabeludos. Alguém acendeu um baseado. Eu nunca tinha sentido sequer aquele cheiro antes. Era o que se chamava um “careta”, embora tenha ouvido essa expressão pela primeira vez exatamente ali, na hora em que me passaram o cigarrinho aceso e eu relutei. Alguém disse:

– Não acredito que tu é careta.

Eu também não. Puxei a fumaça da maneira como todos faziam: profundamente e com barulho de sucção. Prendi a fumaça o máximo que agüentei. Logo milhares de fagulhas cintilaram perfeitamente dentro de meu cérebro. Nunca tinha sentido aquilo antes. Dei outra puxada, e outra, e outra, quantas vezes o baseado me chegou às mãos. Sentia-me agradavelmente esmaecido e as coisas me pareceram maleáveis, fofas, sem substância real. Havia também uma embriaguez hilariante, uma coisa boba, inocente, uma vontade de rir e agir como menino, como filhotinho, como filhotinho de cachorrinho...

Coloquei-me de quatro no chão e comecei a latir como um cachorrinho: “Uau, uau, uau...” Uns tiveram ataque de risadas. Outros se

puseram de quatro e viraram cachorros, cachorrinhos, cachorrões, lobos uivantes, teve de tudo.

De repente me deu uma urgência de ir embora, um medo de permanecer ali. Queria voltar para casa de Bituca. Ele estava morando com Hélius e Celinho Trumpete, na rua Xavier da Silveira, Copacabana. Músico mineiro adorava Copacabana. Despedi-me apressadamente de Nelsinho e saí daquele lugar maluco. Eram oito horas da noite.

Quando pisei na rua, não entendi mais nada. Eu me transformara numa coisa de vidro transparente, um caixão, através do qual todos podiam olhar e devassar. O pior é que cada pessoa na rua se transformara na mesma proporção em observador atento e curioso daquela coisa transparente que era eu. Era impossível não perceberem quão louco e aterrorizado eu estava, e só fingiam passar por mim indiferentes para poder me pular às costas e me levar preso. A passagem de um camburão tinha efeito estraçalhante – e passaram vários. Era o medo em estado puro, completo e irracional, perfeitamente auto-sustentado, acima de minhas próprias forças. Na nova linguagem recém-adquirida, eu tinha saído do “barato” e estava curtindo “um grilo” sem tamanho. Mais ainda: agora estava “dando bandeira”.

A sensação de estar num estado de total transparência e vulnerabilidade me deu ânsias de vômito e vertigem. Tive de me encostar ao muro para não desabar. A pressão caiu e suei frio. Lutei para não perder a consciência, que queria fugir a todo custo daquela peia. “Ai meu Deus, socorro!”, pedi em voz alta e me envergonhei, pois tinha-me na conta de um “materialista dialético”. Mas como? Se era minha própria alma que queria fugir ali mesmo, deixando o corpo inerte, o qual eu via lá embaixo, encostado num muro em plena Barata Ribeiro? Que desistência seria aquela, onde estaria eu: aqui ou lá? Senti-me não mais transparente, mas microscópico diante das ante-câmeras que vislumbrei dentro daquilo volátil que paradoxalmente era eu próprio. Loucura!... Pânico de novo!... Até que outra eternidade depois (no plano da duração exterior, meia hora) essa alma trôpega e acorrentada conseguiu levar um corpo até a rua Xavier da Silveira, subindo entre arroubos de fuga e torrentes de fogo eterno até o apartamento 601. O rosto que atendeu a porta pertencia a Hélius, mas a voz que ouvi então, debaixo de um chuveiro morno, apenas corpo sem alma de

jovem homem despido, nu, transparente, inexistente, longe, foi a voz de Bituca dando ordens a alguém, enquanto me mantinha assim, molhado, debaixo do chuveiro morno:

– Pega um copo de leite. Leite corta.

Me deram de beber vários copos. Sentia fogo correr nas veias. Quando tudo foi aos poucos readquirindo conformidade, me achei deitado, enrolado nas cobertas, sobre a cama que me havia sido destinada no apartamento de Hélius e Celinho Trumpete. Abri os olhos e Bituca estava a meu lado. Apenas sorriu-me e pôs o dedo indicador sobre os lábios, pedindo silêncio, quando tentei abrir a boca para falar.

– Shss! Boa noite – disse Bituca e saiu do quarto, fechando a porta.

Afundi num sono espetacular e agradável.

Em rápida passagem por Belo Horizonte, Bituca recebeu várias homenagens. A Cantina do Lucas, ponto de encontro dos cinéfilos, foi palco de uma delas. Todos os freqüentadores habituais estavam presentes. Schubert Magalhães era todo sorrisos. Tavinho Moura, a um canto, olhava com admiração aquele freqüentador do Maletta, ex-contrabaixista do Berimbau, que virara fenômeno nacional. O maestro Lúcio Libânio, em discurso empolgado, teimava em elogiar a “valsa “Travessia”” e Milton Nascimento, o festejado autor da “valsa “Travessia””, levantando bem alto o nome da música mineira com a “valsa “Travessia””, e pela quarta ou quinta vez que o maestro falou “valsa “Travessia”” eu não agüentei as olhadas de Bituca e tive de sair correndo para explodir em gargalhadas lá fora na calçada... “Valsa “Travessia””, francamente, maestro. A canção nem em compasso ternário era...

Bituca ficou poucos dias em Belo Horizonte porque estava com a agenda cheia. Tinha inclusive um LP a gravar.

O velho Dorival e dona Stella tratavam os amigos dos filhos como filhos também, e Bituca não fugiu à regra. Tão logo ficou amigo de Dori, Danilo e Nana, foi recebido sem cerimônia e colocado à vontade

na casa dos Caymmi, num prédio em Copacabana. Paulo Moura, morador do Leme, logo se enturmou com a mineirada da Xavier da Silveira, através de Wagner Tiso.

Segundo a lei “músico atrai músico, na razão etc.”, Bituca rapidamente fez amizade com Edu Lobo, Marcos Valle e Luiz Eça. Mamãe diria: “Um gambá cheira outro”.

No casarão do Leblon onde moravam os irmãos Valle, presenciei os primeiros ensaios de “Viola Enluaradã” e conheci um cara singular: João Donato.

As coisas estavam acontecendo depressa.

Bituca entrou no estúdio mais ou menos com essa turma e gravou seu primeiro LP. Colocou as três músicas do Festival Internacional, três de nossas filhas mais antigas, duas em parceria com Ronaldo, uma instrumental com solo de flauta de Danilo, e mais “Outubro”, a segunda obra de Fernando:

*... deixo tudo deixo nada
só do tempo eu não posso me livrar
e ele corre para ter meu dia de morrer...*

O humorista mineiro Ziraldo escreveu o texto da contracapa. Estava pronto o primeiro disco de Milton Nascimento, aliás Bituca, aliás Milmenptus, aliás Vituperatus, aliás Béffrius, aliás...

O grande público, o que comprava discos, não prestou atenção ao belo lançamento. Quando ouvi aquela beleza pronta, pela primeira vez, repeti “Gira-Girou” até irritar quem estava por perto.

Quanto ao resto do povo, não sei, mas de minha parte tratava de comer bem – e muito. Os desjejuns de Maria Mynssen eram tônicos e fortificantes. Paraense, ela abria o dia da casa com sumo de açáí derramado sobre tapioca grossa e comido às largas colheradas.

Quase não pensava mais nos meus antigos camaradas de movimento estudantil. Brevemente alguns deles reapareceriam em todos os jornais, trocados pelo embaixador americano seqüestrado.

5

PARA LENNON E MCCARTNEY

Quase sem que eu me desse conta, Lô havia se transformado de um menino curioso, sempre por perto, cismado e silencioso, num jovem bonito, de olhar penetrante e idéias profundas, compositor refinado e fecundo. Desde aquela tarde em que fizéramos nascer “Clube da Esquina”, junto com Bituca, Lô estava compondo cada vez mais e melhor. No apartamento do Jardim Botânico compusera com Beto “Equatorial” (letra minha) e “Feira Moderna” (co-autoria de Beto, letra de Fernando).

*Feira moderna, um convite sensual
ob, telefonista, se a palavra já morreu
o meu coração é morto
o meu coração é velho
e eu nem li o jornal...*

O Som Imaginário realizou a versão definitiva dessa música. As intenções de Zé Rodrix de tal maneira impregnaram a melodia que dela nunca mais puderam se separar, passando a fazer parte integrante da música, especialmente aquele *riff* que acabou virando marca essencial.

Na rua Divinópolis escrevemos “Alunar”, que tinha como introdução um desenho de violão muito original e marcante. A letra dizia:

*Alunar, aterrar
lá em casa minha mãe
não parou de pensar:*

*tudo bem com nosso deus
alunar, aterrar
assegure o amanhã...*

Bituca ouviu e me falou:

– Dá vontade de gravar tudo o que ele faz.

Háviamos descoberto com igual prazer como era bom ter Lô crescendo a nosso lado. Ele era o próprio caminho novo que todo compositor, mais cedo ou mais tarde, procura. Eu, no apogeu de meus 23 anos, teria me sentido obsoleto e ultrapassado, como predissera certa vez no CEC, se não estivesse justamente compondo e criando com ele, dezesseis anos e seu gás novinho em folha.

Bituca não podia concorrer ao 1º Festival Estudantil da Canção de Belo Horizonte porque não era nem estudante nem amador, mas eu e Lô inscrevemos “Clube da Esquina” assim mesmo, omitindo o nome de nosso parceiro, com seu consentimento. Inscrevemos ainda “Equatorial”. Por sua vez, Tavinho Moura inscreveu “Como Vai, Minha Aldeia”, de modo que concorri com três músicas.

As apresentações foram no auditório da Secretaria de Saúde, mesmo local onde um ano e pouco antes nossa passeata tinha sido dissolvida a golpes de espada. Nivaldo Ornellas escreveu dois lindos arranjos para “Clube da Esquina” e “Como Vai, Minha Aldeia”. Marilton interpretou a primeira e o próprio Tavinho, a segunda. Na hora da apresentação da minha terceira concorrente, “Equatorial”, a apresentadora Lady Francisco se embaralhou um pouco com as fichas e leu:

– E agora a próxima concorrente: EQUATORÍU! De Lú Borges e Beth Guedes!

Meus parceiros eram totalmente desconhecidos. Por isso, quando logo após o anúncio da apresentadora entraram os cabeludos Lô e Beto, o auditório inteiro caiu na gargalhada, esperando duas mulheres, obviamente. Ambos ficaram nervosíssimos mas se saíram a contento, para usar a horrível linguagem dos locutores esportivos, aliás bem adequada ao clima de torcida organizada que imperou no auditório

durante o 1º (e único) FEC. Foi ali que ouvimos falar pela primeira vez nos nomes dos novatos Túlio Mourão, que apresentou um tema progressivo e místico chamado “Refractus”, e Marco Antônio Araújo, com um rock futurista, de letra doidona, chamado “EspaçoManguin Bizinguim Bizingó”. Bituca assistiu tudo dos bastidores. Nivaldo ganhou o prêmio de melhor arranjo.

Mas quem faturou mesmo o primeiro lugar foi a canção “Águas Claras”, dos fluminenses Paulo Machado e Eduardo Lage, interpretada por Eduardo Conde. Eu e Tavinho ficamos com o segundo lugar.

Depois da entrega dos prêmios, fomos todos para a rua Divinópolis comemorar, inclusive Conde e Paulinho, os grandes vencedores da noite. Tavinho, ao violão, repetia apropriadamente os versos:

... uma igreja e a casa cheia, cheia...

Leise, eterna namorada de Fernando, estava na cozinha preparando uma macarronada. Mamãe Maricota e seu Salomão também confraternizavam com os filhos e os amigos dos filhos, tomando cerveja no meio da turma. Papai não perdia a chance de pegar um no canto e arriar filosofia. Mamãe o repreendia, vendo-lhe a sofreguidão cervejeira:

– Não vá exagerar, héin, Salim.

Na saleta de piano, Lô convocou a mim e ao Fernando para ouvirmos um tema que acabara de compor ali na hora, no meio daquela confusão de irmãos, amigos e cervejada. Todos os que estavam por perto na hora se acercaram do piano, para ouvir o tema de Lô. Então, depois de executá-lo por diversas vezes, a ponto de todos estarmos cantarolando os “lá-lá-lás” em uníssono com ele, sem erros, Lô parou de tocar e nos propôs:

– Então? Vocês dois não querem meter uma letra nisso não?

– Só se for agora – respondeu Fernando.

– Qual é o tema que você pensou pra ela? – perguntei.

– Na verdade, eu estava pensando na parceria do John e do Paul... nas parcerias, né. A gente aqui, também fazendo as nossas... e eles nunca vão saber. Mas pode ser outra coisa qualquer que vocês sentirem – Lô se apressou em dizer.

– Por mim esse tema está ótimo – disse Fernando.

– Eu faço a primeira parte e você faz a segunda – combinei com ele. Providenciei canetas e papel e nos trancafiámos no quarto de meus pais. Eu não queria perder a festa, nem Fernando. Em menos de meia hora, portanto, estávamos de volta à saleta do piano, bem a tempo de pegar a saída da macarronada de Leise. Já havia até alguns de prato na mão, ao redor do piano, quando Lô cantou pela primeira vez os rabiscos que colocamos diante dele, na estante do piano. Na minha parte estava escrito:

*Porque vocês não sabem
do lixo ocidental
Não precisam mais temer
Não precisam da timidez
todo dia é dia de viver
Porque você não verá
Meu lado ocidental
Não precisa medo não
Não precisa da solidão
Todo dia é dia de viver...*

Na parte de Fernando estava escrito:

*Eu sou da América do Sul
eu sei vocês não vão saber
Mas agora sou cowboy
sou do ouro, eu sou vocês
Sou do mundo, sou Minas Gerais.*

Daí, fomos com disposição à macarronada da Leise, convictos de que acabávamos de compor uma bela música – apesar da rapidez. Quanto ao nome, ficou sendo o que Lô sugeriu: “Para Lennon e McCartney”.

Aproveitamos a estada de Eduardo Conde e Paulo Machado na cidade e fizemos um show no teatro Marília, que dirigi com Fernando.

Conde cantava seu repertório bossa-nova-toada mineira da época e declamava Fernando Pessoa. Em um momento comovente, exibíamos uns slides do velho casarão no bairro dos Funcionários, onde Conde passara parte da infância. Projetávamos num telão uns líquidos oleosos que derramávamos num recipiente transparente colocado sobre um retroprojektor. Esse efeito teria sido genial, se não o tivesse posto a perder um simples detalhe, causador daquela situação para mim tão detestável e constrangedora, que era a de provocar risos num momento dramático, como acontece, por exemplo, quando Calígula, vivido intensamente pelo ator de província, ergue o braço para cometer o trágico matricídio e vê que não provocou um *frisson* emocionado mas sim fez o público cair na gargalhada, pois, na pressa de entrar em cena ou envolvido em concentração mais elevada, simplesmente se esqueceu de tirar o relógio do pulso. No meu caso, em meio às lindas ondas coloridas que se embatiam no telão atrás de Conde, enquanto este se consumia numa interpretação grandiloqüente e visceral, destacou-se nitidamente o indesejado fundo do recipiente transparente e sua marca, visível como um carimbo, debochada como um palavrão: PIREX. Além de tudo, essa marca industrial, de tão conhecida, tinha até virado gíria, significando: doido, alienado mental, pirado...

O espanhol de minha irmã mostrou ser gente boa, simples e trabalhador. Tornei-me seu amigo e ajudei a amansar Marilton. Em pouco tempo Manolo e Sandra ficaram noivos e casaram.

O dia em que Três Pontas foi invadida pelos hippies nunca chegou a ser inscrito nos “anais” da história da cidade (como dizia Bituca debochando), mas bem poderia ser o título de uma crônica que narresse aquela semana de maio de 1970, ocasião das Bodas de Prata do casal Zino e Lília, pais de meu amigo. Antes de mais nada: a cidade recebeu a todos de braços abertos, conhecidos e desconhecidos. Ninguém pagou nada, nem hospedagem nem rango.

Os convidados e os não-convidados de Bituca começaram a chegar de véspera, aos poucos, de ônibus, de carro, de carona. Vieram das cidades vizinhas, Alfenas, Varginha, vieram de Belo Horizonte, Rio e São Paulo; até da Bahia vieram. Chegaram em seus colares e pulseiras, coloridos de panos, cabeludos nos modos e no falar, em tudo e por tudo diferentes do povo local. Eu vim do Rio de Janeiro no fusca de Luís Afonso, com ele e sua namorada Vânia Dabus e o fotógrafo Cafi. Os Borges vieram de Belo Horizonte na Kombi que papai Salomão comprara recentemente, determinado a resolver os problemas de transporte coletivo da família. Como de outras vezes, fiquei hospedado na casa de Bituca (não abria mão de minhas prerrogativas). Minha família ficou hospedada na casa ao lado, com a família Chaves, amiga e vizinha dos Silva Campos.

De toda parte continuavam a chegar forasteiros, dessa vez os amigos dos amigos, os que tinham ouvido dizer e vindo conferir. O hotel Ouro Verde superlotou. No dia D, 27 de maio de 1970, Três Pontas estava completamente tomada pelos visitantes alienígenas. A barba e cabelos descomunais de Frederica, junto à sua magreza e pés descalços, causaram pavor em algumas criancinhas, na praça Cônego Vitor. Muito fumo foi queimado na Sapolândia, dentro de carros suspeitos, com placas de fora. Evidentemente, seu Zino e dona Lília não conheciam a centésima parte dos visitantes e permaneceram alheios às atividades hippies na cidade, absortos que estavam na condigna recepção de seus próprios convidados e na vivência íntima dos elevados significados daquela data que comemoravam com a mesma dignidade e amor que os mantivera unidos até ali.

Depois do fim de semana, o movimento da cidadezinha voltou ao normal, ou quase. Alguns amigos mais chegados permaneceram na cidade, eu inclusive. Na manhã de segunda-feira pegamos dois carros e seguimos em caravana para um lugar chamado Paraíso. Era uma colina elevada, de onde se tinha uma vista panorâmica da região inteira. No topo da elevação havia um descampado mais ou menos plano e nossa idéia era bater uma “pelada” no alto do morro. Depois de uma viagem de uns quinze minutos, chegamos ao local, todos animadíssimos para disputar um saudável “ranca”. Só que o energúmeno responsável por trazer a bola, a dona do espetáculo, a esférica, a gorduchinha, o balão,

a pelota, o objetivo em si, esqueceu tudo isso lá embaixo. A fissura de jogar bola era tamanha que resolvemos então proceder como se bola houvesse. Sorteamos os times, Bituca saiu de goleiro do meu (só atuava nessa posição – e mal). Formamos dois times de cinco jogadores cada e encenamos um jogo incrível e louco, com jogadas espetaculares, dribles desconcertantes, lançamentos de quarenta jardas, tudo sem bola. Ou melhor, com bola invisível. Por causa de um gol que Bituca jurava ter tirado para escanteio e Wagner jurava ter entrado no cantinho, meu goleiro abandonou a posição e foi atuar de... juiz. Com Bituca de juiz e eu no gol, o jogo terminou empatado de tão truncado que ficou. Tanto que dali a pouco as imaginações retrocederam, o bom senso armou sua retranca de sensação de ridículo e o prélio tornou-se inviável. Bituca suspendeu o jogo, por excesso de peso na cancha. Entramos nos carros e despencamos na vida real. Não me lembro de todos os participantes, mas entrego aqui: Toninho Horta, Lô Borges, Milton Nascimento, Wagner Tiso, Márcio Borges, Luís Alves, Jacaré, Bucha... quem mais? Alguém aí me fale. Alfredo, Plácido, Renatinho, Cafi...

Da Copa de 70, apenas a final pude acompanhar do jeito que queria: ao lado de minha família, na rua Divinópolis. Meus compromissos de trabalho no Rio haviam me retido, mas na véspera da final viajei para Beagá e domingo de manhã estava em casa.

Às sete horas da noite daquele mesmo domingo, rouco, exausto, excitado e tricampeão, estava na esquina da avenida Afonso Pena com a rua Tamoios, centro, para onde me dirigira para ver a festa popular, depois de ter torcido escandalosamente e chorado nos braços de meus irmãos a cada gol ou jogada emocionante do time brasileiro. De dentro de um carro, alguém gritou meu nome. Era Schubert Magalhães. Estava no banco de trás com sua mulher Marília e mais outra pessoa. Cheguei perto e vi que era a indiazinha, a pequena atriz do seu filme, a que me dissera “não” no dia do casamento da irmã. Tinha se tornado

uma moça atraente. Havia mais duas pessoas no banco da frente, uns primos.

– Vamos lá pra casa comemorar – Schubert abriu a porta; – entra aí e senta no colo da Duca.

Obedeci com prazer e rumamos para sua casa recém-construída, no bairro Dom Bosco. A viagem era longa, tínhamos de varar um bom trecho da avenida Amazonas, atravessar uns cinco ou seis bairros. Eu no colo da indiazinha, impregnando minhas roupas com seu perfume. “Essa camisa eu não lavo.” Esse contato forçado de nossos corpos, espremidos dentro do carro, deve ter desfeito de algum modo a rigidez de suas convicções anteriores a respeito da distância que nos deveria impor nossa diferença de idade. Na casa de Schubert, sentou a meu lado e preferiu minha companhia a qualquer outra coisa que viessem lhe oferecer ou que pudesse desviar sua atenção de nossa conversação:

– Não, não – dizia impaciente à tal pessoa e logo se voltava para mim: – continua, continua.

Dessa vez consegui marcar um encontro com ela. No dia seguinte fomos assistir “O Aventureiro do Mississipi” no Cine Metrôpole. Dentro do cinema, o contato prolongado de nossos braços nus transmitiu-nos, junto ao calor, à adrenalina e ao pulsar descontrolado de meu coração, a certeza de que estávamos namorando.

Nos encontros seguintes fomos mais longe. Voltei à mansão da Barroca e assumimos nosso romance diante de seu Carlos Elias e de dona Neli, seus pais. Estes haviam vendido aquela magnífica propriedade e estavam de mudança para um apartamento que possuíam na rua Rio de Janeiro, a dez passos da Standard Ogilvy & Mather BH, onde eu trabalhava naqueles dias, conforme antecipei.

Depois de um tempo suficientemente longo para nós e bastante curto para nossos pais, um dia Duca decidiu:

– Nós vamos nos casar e ter um filho chamado José Roberto.

Eu disse:

– Sim.

Quando Bituca a conheceu, não só deu o seu aval como ameaçou:

– Sou padrinho do primeiro filho.

– Você já tem afilhado demais, Bituca. Eu quero um exclusivo.

Evidentemente, nem eu nem ele estávamos brincando.

Duca destoava da nossa roda porque não bebia uma gota de álcool. Mesmo assim eu e Bituca a levamos para conhecer nossa árvore e uma garrafa de vodca. Meu parceiro me dizia:

– Se um dia você perder a Duca, me perde junto.

(Jules e Jim e Catherine?)

Na hora marcada – oito da manhã – encontrei-a na rodoviária. Ela estava radiante, os reflexos do sol doirando seus cabelos, muito simples, exalando frescor dentro de um mini-vestido de brim azul que realçava sua pele morena e as pernas bem torneadas. Íamos passar o fim de semana numa cidadezinha chamada Nova Era, distante umas duas horas de Belo Horizonte. Era onde moravam seus queridos tios Fernando e Francisca, de quem tanto me falava (considerava-os os menos caretas da família) – e era a primeira vez que sua mãe deixava a gente viajar junto.

Dentro do ônibus repousei minha cabeça em seu colo e repassei mentalmente a melodia que Lô me dera uns dias antes, ele ao piano, eu em pé ao lado, escutando e decorando. Era um tema delicado, porém de forte “personalidade”, se é que podemos dizer isso de uma sucessão de sons, por mais “pessoal” nos pareça. Fazia um céu límpido de um azul suave e luminoso. Comecei a cantarolar a melodia baixinho, aconchegado ao colo de minha namorada. Embalado pelo balanço do ônibus, entrei num devaneio, desses em que os elementos da natureza se nos afiguram extraviados de sua essência, fazendo, de repente, uma nuvem tornar-se o perfil de um gigante ou, quando faltam nuvens, transformando o próprio céu num oceano profundo e silencioso, e se acaso uma ave corta nosso campo de visão, ela é adornada pela imaginação com os atributos de um peixe voador ou os de um iate de velas içadas ao vento, e se o devaneio vai além, podemos sentir o balanço do mar e até mesmo enjoar, ou ter vertigens. Nesse peculiar estado de vigília, recebi uns versos que fui fazendo encaixar na melodia que trauteava quase sem ruído:

*Vento solar e estrela do mar
a terra azul da cor de seu vestido...*

E repetia uma variante:

*Vento solar e estrela do mar
um girassol da cor de seu cabelo*

Só ficava nisso, repetindo esses quatro versos como um mantra.

Quando chegamos em Nova Era, fomos acomodados em quartos separados; ela com as priminhas, eu com o priminho. Era um quarto confortável e cheiroso, equipado com uma escrivaninha onde, mais tarde, de banho tomado, almoço feito, passeios realizados, sentei-me para trabalhar a tal letra do ônibus.

Foi um final de semana inesquecível. Passei com Duca pelos campos, namoramos numa casa semi-abandonada da Fazenda Japuré, pertencente ao tio. Quando voltamos para Belo Horizonte, domingo de tarde, “Um Girassol da Cor de Seus Cabelos” estava prontinha. Outra vez dentro do ônibus, cantei para ela a música inteira:

*Vento solar e estrela do mar
a terra azul da cor do seu vestido...*

Estava apaixonado e queria me casar com ela, a indiazinha de *Aleluia*, que me tinha agora em seus braços.

Bituca, como “cequiiano” honorário, foi convidado por Maurício Gomes Leite e Paulo Laender para compor a trilha sonora de *Tostão, A Fera de Ouro*, documentário de ocasião sobre o craque tricampeão. O filme ficou até bonitinho, mas as músicas ficaram geniais. Fernando, trabalhando como repórter na sucursal de *O Cruzeiro*, continuava afiado como poeta e letrista:

*... nestes noventa minutos
de emoção e alegria
esqueço a casa e o trabalho
a vida fica lá fora*

*a fome fica lá fora
e tudo fica lá fora...*

“Brasil está vazio na tarde de domingo, né, olha o sambão, aqui é o país do futebol...” Mesmo não tendo o espaço merecido nos veículos de comunicação, o prestígio de Bituca continuava a crescer, novidade levada boca a boca pelos estudantes, aos quais não cansava de visitar e para os quais se apresentava em espetáculos com a banda ou em trio, ou sozinho, do jeito que desse, nas universidades e nas escolas. Certo show no estádio do Mourisco, em Botafogo, reuniu umas três mil pessoas.

Bituca ainda enfrentava problemas do tipo: ser barrado no próprio show. Como aconteceu exatamente nesse do Mourisco: três mil pessoas se empurrando na fila, do lado de fora do estádio, e Bituca no meio do bolo, tentando convencer o intransigente porteiro de que era Milton Nascimento em pessoa – e precisava entrar, ora.

– E eu sou o Ronnie Von – caçoava o porteiro. – Você é o décimo crioulo de boné que chega aqui com essa história.

Superados esses problemas, Bituca demonstrava uma firmeza cada vez maior em cena. Já conseguia cantar todas as letras sem errar ou vacilar um só instante, e isso, por si só, me emocionava até as lágrimas. Talvez chorasse também por pressentir que as multidões acabariam por nos afastar um do outro. As grandes platéias cantavam nossas letras em uníssono e isso me deixava orgulhoso e confiante. O mais curioso era notar que aquela massa era absurdamente heterogênea. Nos shows do meu amigo tímido cada vez mais público, via-se gente de todas as idades, aparências e cores, do careta de terno ao ripongão mais esrachado, passando por crianças lourinhas, vovós entusiasmadas e estudantes de esquerda, todos comungando, na mesma vibração, daquele poderoso ecumenismo bituquiano.

– Você precisa conhecer o Cid – disse Tavinho.

Estávamos na Cantina do Lucas e o tema de nossa conversação tinha chegado em coleções e colecionadores. O Cid em questão era seu

parente e tinha uma das mais espetaculares discotecas particulares de Beagá.

– Vou te levar lá sábado que vem.

Seu parente recebia aos sábados.

No primeiro sábado, cheguei lá acompanhando Tavinho. A casa de Cid Gonçalves era formidável; parecia saída diretamente das páginas de Walt Disney: aquela casa que todos sonhamos ter quando crianças, em pedra, vidro e madeira, de traços macios, plantada no meio de um jardimzinho mimoso, numa ruazinha tranqüila do bairro mais aprazível de Patópolis. O dono da casa era dono também de uma língua ferina e de uma ironia rascante que beirava a crueldade. Afundado em sua poltrona de couro, no meio do salão, comandava a reunião com mão de ferro, fosse captando a atenção de seus convidados para determinado detalhe de trompas durante a abertura do *Navio Fantasma*, a soar com perfeita fidelidade acústica de um par de caixas planas Quad, das quais ressaltara previamente as qualidades de absoluta fidedignidade, fosse então quando, interrompendo abruptamente o som do disco pelo meio, alcançava um volume qualquer de *Em Busca do Tempo Perdido*, abria uma página de forma igualmente aleatória e decretava:

– Wagner é muito chato. Isto é que é genial, ó: “O Marquês de Palancy, com o pescoço estendido, o rosto oblíquo, o grande olho redondo colado contra o vidro do monóculo, deslocava-se lentamente na sombra translúcida e parecia não ver o público da orquestra, qual um peixe que passa, ignorante da multidão de visitantes curiosos, por trás da parede envidraçada de um aquário. Por um momento parava, venerável, resfolegante, musgoso, e os espectadores não poderiam dizer se ele estava sofrendo, dormindo, nadando, pondo um ovo ou simplesmente respirando”. – O anfitrião dava então uma gargalhada única, seca e terrível. Depois continuava lendo em voz alta, duas, três páginas, emitindo sempre essa curta gargalhada para pontuar ou sublinhar os trechos mais notáveis. Com igual arbitrariedade interrompia a leitura e voltava aos discos, que guardava na parte inferior de uma estante de seis metros de comprimento. A parte superior era ocupada por um milhar de livros e bricabraques.

Ao final da reunião, que encerrou na hora que bem quis, dizendo: “Bem, acabou, agora cada um vai dormir em sua casa”, levou-nos até

a porta. Eu mal trocara duas palavras com ele, intimidado pela personalidade tão forte e marcante daquele homem que era (só agora eu o notava) miúdo e franzino, mas que no seu pedaço parecia e se comportava como um rei. De qualquer forma, tinha conseguido despertar meu imediato interesse por Proust. Foi assim que descobri que Cid, afinal, procurava imitar o Barão de Charlus em suas *boutades* e ditos de espírito, bem como em certa rudeza de maneiras que considerava de bom-tom.

– Bela, a sua casa – comentei.

– Copiei do Pato Donald. Volte sábado que vem, pois sua ingenuidade me comoveu – disse-me com sarcasmo. – E traga sua namoradinha.

No sábado seguinte, levei Duca comigo. Nádia, mulher de Cid, era uma anfitriã calorosa e sem afetação. Cid repetiu o desempenho do sábado anterior: discos e leituras de Proust. Nos sábados subsequentes fomos novamente convidados e de tal forma freqüentamos Cid e Nádia durante aquele ano, que acabamos chamando o casal para apadrinhar nosso casamento, o qual pretendíamos realizar o mais breve possível. Isso consistia no tempo de juntar uma grana e reformar as três salas de aula da escolinha de dona Maricota (fechada definitivamente por cansaço de minha mãe), transformando-as num barracão capaz de nos abrigar pelo menos nos primeiros meses, pois pretendia me mudar para o Rio tão logo me casasse. Foi exatamente o que fiz.

Enquanto isso, no Rio, Bituca entrava novamente em estúdio para gravar seu segundo disco pela Odeon. Esse trabalho registrava o repertório do show e incluía também três músicas de Lô: “Alunar”, “Para Lennon e McCartney” e “Clube da Esquina”. Gravava ainda “Amigo, amiga”, com letra de Ronaldo (ausente) e as músicas novas que fizera com Fernando e Ruy Guerra: “Maria 3 Filhos” e “Canto Latino”. Tinha ainda “Durango Kid”, parceria de Toninho Horta com Fernando,

“A Felicidade”, de Jobim e Vinícius e a música de Bituca que mais me emocionava, tanto pela melodia pungente como pela letra memorável: “Pai Grande”:

*Meu pai grande
inda me lembro
e que saudade de você
dizendo eu já criei seu pai
hoje vou criar você
inda tenho muita vida pra viver
Meu pai grande
quisera eu ter sua raça pra contar
a história dos guerreiros
trazidos lá do longe
trazidos lá do longe
sem sua paz
De minha saudade vem você contar
De onde eu vim
é bom lembrar
todo homem de verdade
era forte e sem maldade
podia amar, podia ver
todo filho seu seguindo os passos
e um cantinho pra morrer.*

Dentro do estúdio, teve hora que foi preciso quase amarrar Zé Rodrix para ele não entrar em tudo quanto era faixa, tocando órgão, flauta *block* tenor, ocarina, assovio de caça, flauta tenor transversa, percussão, voz, sininhos, tudo. Foi realmente uma participação de muita personalidade, a dele. Algumas de suas criações dentro do estúdio passaram a fazer parte integrante da música, como aquela divisão que prepara a segunda parte de “Para Lennon e McCartney”: Tum-dum-tum-tutum-dum... Eu sou da América do Sul...” O resto do povo do Som Imaginário, Wagner, Tavito, Frederica, Luís Alves e Robertinho, estava no melhor de sua forma, com o repertório super-ensaiado. Bituca ainda colocou dentro do estúdio Lô, para tocar violão e cantar

suas próprias músicas, Naná Vasconcelos, para as polirritmias e “garrafas esvaziadas” de sempre, e Dori Caymmi, para reger “Alunar”. Produção executiva, Mariozinho Rocha (“Baiãozinho toca/e mostra que também tem bossa...”).

Chamei Kélio Rodrigues para fazer a capa do disco e este deu ao visual “colete de couro-colar de ossinhos” que Bituca usava nos shows as suas próprias tintas. No traço do “Cabrito”, Bituca virou um rei negro à Milton Glaser/Seymour Schwartz, visto de perfil. Plástico e dinâmico. Esse motivo se multiplicava da capa do disco à barra do encarte, numa programação gráfica muito bonita que incluía cartazes e selos. Bituca ainda não tivera tratamento gráfico tão requintado em seus discos. Por falar nisso – e antecipando a história –, nos discos seguintes esse cuidado com a programação visual viria a ser uma constante. Por coincidência ou não, outro artista gráfico oriundo do Grupo de Criação, Noguchi, o Japonês, por duas vezes criaria capas para discos de Bituca.

Fim das gravações. Para Lô tinha sido a experiência de sua vida. Pelo entusiasmo que ele demonstrava ao retornar do Rio, mamãe percebeu que seria difícil fazer aquele menino voltar às aulas como um qualquer simples estudante secundário. Caberiam nele, como numa veste tecida sob medida, os versos de Ruy Guerra que Bituca acabava de gravar:

*Teus poucos anos de vida
valem mais do que cem anos...*

Na Standard BH, Simão Lacerda era um chefe que não enchia o saco. Tinha acabado de ir morar com Rejane, a moça do “currelinho”, como falava Itaíbis Vilela, já que a gerente de tráfego da agência trabalhava numa pequena área balaustrada de madeira, cercada e à parte. Às vésperas de meu casamento, compus a letra de “Tudo Que Você Podia Ser” na minha sala de trabalho, sob as vistas de um *paste-up* chamado Brito e de um estagiário de nome Roberto, a quem eu apelidara Bocão, apelido que pegou e foi logo diminuído para Boca, pois

vinha bem a calhar com seu largo e constante sorriso. Para compor a tal letra, parti de lembranças recentes do filme de Elia Kazan que não saía de minha cabeça, *Viva Zapata*. Minha inspiração foi Marlon Brando morrendo picotado de balas, cercado e traído na praça estreita:

*Com sol e chuva
você sonhava
que ia ser melhor depois
você queria ser o grande herói das estradas
tudo que você queria ser...*

Brito tinha um sotaque nordestino, era pequeno, usava óculos de grau e tinha a cabeça chata:

- Porreta, bicho. Daonde tu tira tanta idéia?
- E quem mandou você ficar olhando por cima do meu ombro?
- Pensei que era texto de anúncio.
- Também não seria da sua conta. Sai fora, cabrito.

Aí Roberto, o estagiário, abriu o bocão numa risada, e eu, imediatamente, com a moral de veterano:

- E você aí, ô Bocão, vai fechando essa caçapa.

Já que não tinha mesmo ninguém trabalhando, Itaíbis parou de rafear o que estava fazendo e me perguntou:

- Sabe a última do Ajuricaba?

E antes que eu respondesse ele continuou:

– O Fulano (Fulano era um “contato” muito, mas muito chato, daqueles que chegavam às seis horas da tarde de sexta-feira com um enorme pedido de serviço para um anúncio de varejão de página inteira, com setenta ilustrações de máquina de lavar, fogão, geladeira, etc., para sair no domingo) chegou pro Ajuricaba e disse numa ocasião dessas: “Aí, Ajuricaba, quando eu morrer você vai mijar na minha sepultura, não vai não?” E Ajuricaba: “Eu não. Não gosto de entrar em fila”.

Convidei Simão Lacerda para ser meu padrinho de casamento. Era um modo de prestar um reconhecimento ao amigo, mais do que ao

patrão que tolerava minhas escapadas, minhas faltas e atrasos no retorno depois do almoço, pois sempre me delongava em casa de minha noiva. Como que para dificultar e encompridar as horas que eu tinha de passar na agência, Duca morava bem vizinha dali. Em tais circunstâncias era-me difícil me concentrar nas tarefas que tinha a realizar na Criação e meu chefe tinha uma razoável compreensão de minhas dificuldades. Bem, razoável já era mais do que suficiente, e ei-lo mui guapo e elegante, de gravata vermelha, na Igreja da Pampulha, pontualmente à hora marcada no convite de meu casamento, convite este que tinha como epigrama uns versos de Mallarmé que eu escolhera com Duca, representativos do que significava aquela cerimônia meio ridícula, para a qual eu deixara mesmo crescer um bigodinho à Cantinflas, para parecer mais velho: “... *fiançailles dont le voile d’illusion rejaillit son hântise ainsi comme le fantôme d’un geste...*”, enlace cujo véu de ilusão reflete seu trato assim como o fantasma de um gesto... Já meu outro padrinho, Cid Gonçalves, quis me dar uma lição e não compareceu, deixando sua mulher Nádia vir sozinha. O pintor Rubem Dario, grande amigo, o substituiu no altar. Cid se mirava cada vez mais em Palamede de Charlus; digo, não no sentido das perversões sodomitas do genial personagem proustiano.

Bituca veio do Rio exclusivamente para a ocasião. Nico, nosso caçula, seu “afilhado”, nunca mais tinha sentido nada na cabeça, desde o tombo que eu lhe dera. Os ossos haviam se consolidado e agora, aos nove anos, estava curado. Pelo menos estava, até a hora de sair para a Igreja da Pampulha. Já todo arrumadinho, com roupinha branca comprada a crédito no Magazin Guanabara, escapuliu da vista de mamãe e foi arranjar briga na rua, provocar uns garotos maiores do que ele. Levou uma paulada de um deles no meio da cabeça e caiu desmaiado. Os garotos fugiram correndo, abandonando o corpo inerte de meu irmãozinho. Foi trazido para casa ainda desmaiado. Bituca e não sei quem mais o levaram para o hospital. Mamãe e papai foram para a igreja. Dali a algumas horas, Bituca retornou com Nico, já fora de perigo. Meu irmãozinho teria de recomeçar todos os cuidados a que fora obrigado durante anos e dos quais só muito recentemente fora dispensado, pois a antiga fratura tinha reaberto em parte.

A cerimônia durou uns poucos minutos, devido ao inacreditavelmente longo atraso da noiva, extrapolando em muito as mais folclóricas tradições. Casados, tomamos champanhe na porta da Igreja, recebemos os cumprimentos de praxe, entramos no automóvel que a trouxera e seguimos para o apartamento de seus pais. Dali, de roupas já trocadas, seguimos direto para dentro de um ônibus que nos levou a São Paulo. Passamos uma noite e um dia dentro do quarto de um hotel perto da rodoviária. Depois embarcamos para Foz do Iguaçu e de lá para Porto Alegre, onde entramos numa livraria e compramos os sete volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, longo epítome de nosso breve amor. Visitamos Paulinho Lagoa, o *Joãozinho* de meu filme, que agora morava em casa de uma tia gaúcha e trabalhava num armazém macrobiótico no bairro de Petrópolis.

Uns dez dias depois, estávamos de volta a Belo Horizonte, onde fomos habitar o barracão que eu mandara construir nos fundos da rua Divinópolis.

De volta de Londres, Ronaldo trouxe umas reproduções das bailarinas de Degas e nos deu de presente. Mandamos emoldurar e penduramos na parede da sala. O mesmo fizemos com um cacho de frutas feitas de latão, de gosto bizarro, que recebemos de presente de uma loura chamada Káritas, a quem eu não conhecia direito, mas se tratava da nova namorada de Bituca.

6 MAR AZUL

Primeiro eu e Bituca descobrimos um poema de Garcia Lorca sobre Santiago de Compostela. Na mesma noite tive um sonho onde uma nave luminosa, em forma de triângulo vasado, descia em meu quintal e dela saía um homem igualmente luminoso, de túnica branca e longas barbas e me dizia, ou antes, me incutia, pois não movia os lábios: “Construa sua vida como uma obra de arte”. Em seguida, aconteceram várias coincidências envolvendo o nome Tiago, ou suas variantes Jacques, James, Jacó, chamando tanto a atenção de Bituca tanto quanto a minha e nos colocando em alerta. Em pouco tempo o nome, pronunciado ou lido, passou a saltar à nossa frente com nitidez e sonoridade diferente das demais palavras, adquirindo para nós o peso de um encargo, sinalizando uma passagem, um vão. Fomos nos aprofundando no assunto. Prometíamos percorrer os Caminhos um dia, dormir em velhas ermidas, reviver lendas navarras... Projetávamos também a realização de um musical – *Os Caminhos de Santiago* – para virar disco, filme, show multimídia, *songbook*, etc., juntando o trabalho de todo mundo, Lô, Fernando, Ronaldo, Nelsinho...

Bituca estava deitado ao lado de Káritas, na casa dela em São Paulo. Não estava dormindo, não tinha bebido ou fumado nada. Mas sentiu uma coisa muito, muito esquisita. De repente sua consciência como que se desdobrou, se distendeu, saiu para fora de si. Primeiro viu seu